

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
CINEMA DE ANIMAÇÃO E ARTES DIGITAIS**

Tiago Pereira da Silva

**O potencial do Cinema de Animação para a formação estética e crítica na
Infância.**

Belo Horizonte – MG
2017

Tiago Pereira da Silva

O potencial do Cinema de Animação para a formação estética e crítica na Infância.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Cinema de Animação e Artes Digitais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Orientador: Maurício Silva Gino

Belo Horizonte – MG
2017

DEDICATÓRIA

Em memória da minha avó Joana, do meu padrasto Seu Chico, dos meus tios, Jair, Paulo e José.

AGRADECIMENTOS

A todos os meus professores, desde o pré-escolar na cidade de São Pedro dos Ferros, Estado de Minas Gerais, até a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que sempre me olharam nos olhos com humanidade e me ensinaram com essa prática que é nesse encontro entre almas que nos tornamos humanos.

À toda minha família que sempre respeitaram e incentivaram minhas inclinações à arte, ainda que, depois de vinte e nove anos, eu ainda não seja um artista e talvez nunca me torne um. À minha mãe, irmã e sobrinhos que são sempre os mais afetados pelas minhas reações às minhas frustrações, mas que sempre foram e serão o esteio da minha vida.

A todos os meus colegas de trabalho. Na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), à Alice, Ana Flávia, Ana Moreira, Ivanir, Ludy, Nathália, Renata, Wania, Willemborg, Toninho, que por muitas vezes tiveram que conviver com meu mau-humor, fruto de minhas frustrações e ainda assim sempre me motivaram a continuar nesse curso de Cinema, mesmo quando chegava com a notícia de outro acidente de moto no trajeto Ouro Preto-BH, mostrando-se às vezes mais empolgados do que eu com esse curso, e ao Maurílio e a Neide, além disso, por fertilizarem na minha consciência o dever moral e ético de retribuir à sociedade o investimento público que recebi para minha formação, espero a partir desse humilde trabalho começar a concretizar esse retorno. No Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), à Wanda, Aline e Camila pela sensibilidade de acolherem meu pedido de redistribuição para o IFMG *Campus* Sabará, o que facilitou muito a minha permanência como aluno na UFMG. A todos os colegas do *Campus*, e são muitos, que já toleraram e que ainda toleram minha acidez crítica, mesmo quando ela afeta nossas relações. Ao César, Edson, Genivaldo, Márcia, Eder por todas as conversas sobre esse TCC.

A todos os professores do curso de Cinema de Animação e Artes Digitais (CAAD) por todo conhecimento compartilhado sempre de forma muito humana, estética, crítica e por vezes, poética. Ao Luís Moraes e à Bárbara por toda paciência e atenção com meus problemas, toda vez que procurei a secretaria. Ao Leonardo Vidigal por ter me passado as primeiras referências sobre Cinema e Educação, na disciplina Políticas do Cinema, que embora eu tenha abandonado (como de costume), motivou o interesse por realizar esse trabalho. Ao Maurício Gino que aceitou o convite para me orientar e que sempre demonstrou muita paciência e

compreensão com minha dificuldade de expressar minhas ideias e com minha falta de experiência na condução das propostas das oficinas e na escrita desse trabalho, contribuindo muito para que eu não perdesse o foco e controlasse meu desejo de “abraçar o mundo”. Ao Carlos Henrique Falci pelas contribuições na escrita do pré-projeto.

Ao professor Carlos Eduardo Guerra Silva, na disciplina Educação e Cinema na Faculdade de Educação da UFMG, que contribuiu com suas aulas para que eu acreditasse nesse trabalho e na importância de tentar realizá-lo.

À minha prima Letícia pelas referências e longas conversas sobre psicologia. Ao Bruno pelas longas conversas motivadoras sobre esse TCC, sempre acompanhadas de um “sucão” de laranja ou uma boa escalada, atividade esportiva esta, que juntamente com ótimos amigos, têm me ajudado a me manter de pé.

Aos profissionais da Escola Municipal Francisca Alves, por me receberem com tanto entusiasmo e por tolerarem toda minha inexperiência pedagógica. Ao Junio por cada conversa rápida ao final das oficinas, que contribuíram para que eu repensasse muito do que pensava entender sobre crianças e educação, e pelo exemplo que foi observá-lo no “trato” com as crianças. Nesse sentido cabe agradecer a todos os profissionais da escola, que mantêm com as crianças uma relação extremamente afetuosa. Às crianças da escola, que ensinaram a mim mais do que eu teria para ensiná-las e que revitalizaram em mim certa esperança com a vida. Agradeço a elas por cada momento de Estesia e Reflexão Crítica que compartilhamos.

Aos profissionais de salas de cinema de Belo Horizonte, MIS Cine Santa Tereza, Cine Theatro Brasil Valourec, Cine Sesc Palladium, Cine Humberto Mauro, e à Silvia Amélia Nogueira de Souza, professora do Centro Pedagógico da UFMG, que se mostraram abertos as propostas que lhes apresentei, embora, infelizmente, eu não as tenha concretizado.

Por fim, agradeço a todos que trabalharam e trabalham pela infância e pelo Cinema de Animação como Arte e que mantêm seus trabalhos disponibilizados de forma pública e acessível, o que facilitou demais meu trabalho.

RESUMO

O contato do Cinema de Animação com a Infância se dá também como expressão artística e educativa, mas a relação mais abrangente se dá no campo mercadológico. Essa relação na maioria das vezes se constitui de forma acrítica e passiva. Faz-se necessário então por parte de todos os adultos envolvidos na vida da criança, realizar com elas atividades que contraponham o modelo oferecido pelo mercado que geralmente visa apenas o lucro sem qualquer respeito ao público. É preciso então criar espaços de diálogo para que a criança possa compreender esse objeto mercadológico e todos os interesses por trás dele. É preciso ainda criar espaços para que elas possam se apropriar do Cinema de Animação, usando todo seu potencial estético e crítico, assumindo seu papel como objeto artístico e de comunicação. Assim a criança poderá sair de sua condição de consumidor passivo para a condição de consumidor ativo usando-o também como meio de expressão e comunicação. Objetivou-se a partir dessa pesquisa, tanto prática quanto teórica, entender como se dá essa relação entre Infância e Cinema de Animação, suas potencialidades e seus problemas. Buscou-se ainda encontrar formas de transformar esse contato em experiências sensíveis e críticas para a Infância. Nesse sentido, através de levantamento bibliográfico e através de buscas por projetos foi possível encontrar inúmeras possibilidades e perceber que hoje há considerável oferta, embora não seja muito evidente. Através da prática foi possível perceber o grande potencial das atividades e algumas limitações, o que fica difícil de compreender apenas com a leitura de tudo que já se encontra disponível. Ao final da pesquisa constatou-se que há interesse, tanto pelas crianças quanto por profissionais da Educação ou do Cinema, por atividades mais estéticas e críticas. Ficou evidente ainda, que espalhadas pelo país, várias propostas são oferecidas, mas que ocorrem de forma independente, e ainda não há uma política a nível nacional que se apresente como referência para que atividades assim sejam ofertadas a todas as crianças brasileiras. Percebe-se que grande parte das ações realizadas pelo país parte da sociedade civil, mesmo que haja algumas conquistas junto aos governos federal, estaduais e municipais.

Palavras-chave: Infância. Cinema de Animação. Arte-Educação. Educomunicação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Sequência do filme realizado pelas crianças de 6 anos.	36
FIGURA 2 - Produção de fantasias com crianças de 8 anos.	38
FIGURA 3 - Criança de 8 anos confeccionando e usando objeto de cena.	39
FIGURA 4 - Sequência do filme realizado pelas crianças de 8 anos.	40
FIGURA 5 - Gravação de ruídos.	44
FIGURA 6 - Criança se recusando a ser gravada.	49

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	CINEMA DE ANIMAÇÃO	12
2.1	Cinema de Animação Comercial	12
2.2	Cinema de Animação Artístico	13
2.3	Cinema de Animação Educativo	13
3	INFÂNCIA E CINEMA DE ANIMAÇÃO	14
3.1	Infância e Cinema de Animação Comercial	14
3.2	Infância e Cinema de Animação Artístico	16
3.3	Infância e Cinema de Animação Educativo	18
4	FORMAÇÃO ESTÉTICA E CRÍTICA	20
5	CINEMA DE ANIMAÇÃO E SEU POTENCIAL	25
6	METODOLOGIA DA PESQUISA	29
7	OFICINAS	30
7.1	01/09/2016 – Início	31
7.2	08/09/2016 – <i>Flipbook</i>	32
7.3	15/09/2016 – <i>Pixilation</i> com turma de 6 anos	33
7.4	29/09/2016 – <i>Pixilation</i> com turma de 8 anos	37
7.5	06/10/2016 – <i>Pixilation</i> com turma de 8 anos	39
7.6	21/10/2016 – Apresentação de resultados	41
7.7	27/10/2016 – Música e dublagem	42
7.8	10/11/2016 – Ruídos e falas	43
7.9	18/11/2016 – Entrevistas para produção do filme final	45
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	51
	ANEXO A – Relatos sobre as oficinas	55

1 INTRODUÇÃO

Atualmente estúdios de Cinema de Animação gastam milhões em superproduções cinematográficas ou séries de Animação que perduram por anos, às vezes acompanhando toda fase de desenvolvimento da criança. Além do lucro através da exibição dos filmes e séries, existe um mercado muito lucrativo de subprodutos, desde brinquedos até produtos de gênero alimentício.

O valor das ações do conglomerado de Mickey Mouse está no patamar de empresas de segmentos historicamente lucrativos, como o ramo de bebidas, atrás apenas de empresas de biotecnologia e petróleo, considerando ações da Puma Biotechnology negociadas a US\$ 123,59 e da Exxon Mobil Corporation, a US\$ 94,11. As ações das maiores multinacionais brasileiras, segundo pesquisa da Fundação Dom Cabral (FDC, 2013)¹, foram negociadas a valores bastante inferiores. (DUARTE, 2014, p. 141).

O problema dessa postura é que quando o foco das produções é o lucro, o conteúdo, às vezes, se torna apenas veículo de marketing de subprodutos (GIACOMI FILHO, 1991, p. 58), ou de transmissão de ideologias, às vezes, prejudiciais à formação da criança (VIGOTSKI, 2010, p. 354), minando assim o potencial estético e crítico da relação entre a Infância e o Cinema de Animação.

Vários países procuram minimizar o impacto desta publicidade sobre suas crianças através de regulamentações, como podemos ver no estudo comparativo *Publicidade e criança: comparativo global da legislação e da autorregulamentação*, coordenado pela ABA - Associação Brasileira de Anunciantes, onde

Foram pesquisados 18 mercados relevantes: Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha, Itália, Espanha, Portugal, Suécia, Noruega, Grécia, Rússia, Canadá, Chile, Peru, México, Índia, China e Austrália. Além das normas nacionais, o estudo abrangeu diretivas da União Européia, aplicáveis a todos os seus 27 estados membros. (SAMPAIO, 2013, p. 4)

No Brasil, organizações como Instituto Alana, através do programa *Criança e consumo*, que aponta reflexões e alternativas sobre os impactos da publicidade infantil (VIVARTA, 2009), e a Associação Brasileira de Agências de Publicidade (ABAP), através da campanha *Somos Todos Responsáveis*, que aponta para a

¹FDC. **Ranking FDC das multinacionais brasileiras 2013**: o impacto da política externa na internacionalização de empresas brasileiras. 2013. Disponível em: <http://www.fdc.org.br/imprensa/Documents/2013/ranking_multinacionais_brasileiras2013.pdf> Acesso em: 19 jan. 2016.

responsabilidade “compartilhada” entre indústria, educadores, pais e responsáveis (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE, 2013), entre outras, vêm debatendo e propondo alternativas para essa questão. Algumas com ideologias e metodologias às vezes divergentes entre elas, mas sempre norteadas pelo combate à formação de uma Infância consumista.

No âmbito da Arte-Educação várias propostas surgem pelo país, seja através do poder público ou da sociedade civil. Nesse sentido destacam-se produtores de conteúdo que realizam trabalhos de formação de público. Um excelente exemplo é o projeto Anima Escola², organizado pela equipe do Anima Mundi, Festival Internacional de Animação do Brasil, onde capacitam professores para usarem a linguagem da Animação em sala de aula. Uma referência em proposta de diálogo entre Cinema de Animação e Educação (MARANHÃO, 2007, p. 71). Ainda disponibilizam gratuitamente na internet materiais de apoio e informação sobre os trabalhos.

O problema da relação entre a Infância e o Cinema de Animação, onde ele influencia a formação das crianças, às vezes de forma negativa, não é exclusividade do Cinema de Animação e apenas com a Infância. O problema é muito complexo. Pessoas são influenciadas negativamente pela mídia em geral, independente do veículo midiático ou de faixa etária. Um exemplo claro é o poder de influência da TV em toda a sociedade (BOURDIEU, 1997, p. 29).

Diante deste cenário faz-se necessário investigar como se dá atualmente a relação da criança com o Cinema de Animação. É preciso identificar e entender, nessa relação, os prós e contras, tanto do Cinema de Animação Comercial quanto do Cinema de Animação Artístico e do Cinema de Animação Educativo. (SAMPAIO e CAVALCANTE, [2014?], p. 239).

Para avaliar a influência do Cinema de Animação sobre a criança, faz-se necessário entender como a criança percebe esses produtos. Se elas são capazes de entender até que ponto são influenciadas e como isso ocorre. (BARBOSA, 1998, p. 55).

² Site oficial do projeto Anima Escola. Disponível em: <<http://www.animaescola.com.br/br/>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

No campo da produção audiovisual o trabalho acompanha o cenário nacional atual, onde o governo fomenta ações que relacionam o Cinema e a Educação, um exemplo é o *Plano de diretrizes e metas para o audiovisual*, com propostas como a “Diretriz (12): Ampliar a participação do audiovisual nos assuntos educacionais”. (MAZZINI, 2013, p. 97)

O Brasil vive um momento significativo na construção, aplicação e consolidação de ações voltadas para desenvolver o Cinema brasileiro (MAZZINI, 2013, p. 97), e não apenas como indústria, mas também como objeto artístico e educativo.

Políticas públicas anteriores, que devem ser lembradas sempre que possível como Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE) (CARVALHAL, 2008), sob a coordenação de Edgard Roquete-Pinto e participação intensiva de Humberto Mauro, infelizmente ficaram apenas como referência de coragem e ousadia. Cabe a nós, hoje, buscarmos caminhos que não se apaguem com o tempo, caso esse “atual projeto de fomento ao Cinema” caia nos desmanches de “[des]governos” que surgirem. Que tenhamos a coragem e ousadia de nossos precursores para construirmos uma história que fique para nossos sucessores, não apenas como Cinema Comercial, mas também como um Cinema estético, transformador social e cultural, carregando sempre em mente o pensamento de Freire, onde

[...] a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude. De criação de disposições democráticas através da qual se substituíssem, no brasileiro, antigos e culturoológicos hábitos de passividade por novos hábitos de participação e ingerência, de acordo com o novo clima da fase de transição. (FREIRE, 2011, p. 124)

Vale aqui, mencionar o trabalho de Tavares, onde apresenta um ótimo panorama e análise das políticas do audiovisual brasileiro voltadas à Infância nos anos 2000 (TAVARES e DUARTE, 2013). Percebem-se através do seu trabalho diversas possibilidades de ações a serem realizadas, mas não só por parte do governo, e sim, também por parte do mercado e principalmente da sociedade civil. Leitura obrigatória para que se tenha uma ideia da relação Infância e Audiovisual no Brasil, no que se refere a propostas de políticas que respeitem a Infância.

O trabalho prático aqui realizado objetivou verificar como as crianças participantes, entre de 6 a 8 anos, se relacionavam com o Cinema de Animação e se oficinas práticas poderiam estimulá-las a uma percepção crítica e estética sobre o mesmo, principalmente sobre obras mais próximas do experimental.

Através de pesquisa bibliográfica buscou-se caracterizar Cinema de Animação Comercial, Cinema de Animação Artístico e Cinema de Animação Educativo. E verificar propostas que relacionam Cinema de Animação e Infância de forma construtiva.

Como resultado será apresentado uma breve análise do Cinema de Animação dirigido à Infância, tanto comercial, artístico como educativo e um recorte de ações significativas que buscam responder à questão. Será apresentado também uma análise sobre uma proposta de oficina de Cinema de Animação como tentativa de estimular nas crianças participantes, entre 6 e 8 anos, uma recepção crítica e estética do Cinema de Animação, através de exibições mediadas e produção de Animações. Foi analisada uma oficina realizada na Escola Municipal Francisca Alves, no espaço da Escola Integrada, localizada na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais.

Diante da relação complexa entre a Infância e o Cinema de Animação, é urgente que produtores de conteúdo para a Infância se empenhem em conhecer melhor esse público, para produzirem conteúdo com devido respeito e cuidado que ele necessita, visto que nessa fase de desenvolvimento, seu psiquismo é muito delicado, como ressalta Vigotski (2010, p. 354).

Assim, é evidente o impacto desse trabalho, tanto prático quanto teórico, em minha formação, tanto profissional quanto pessoal. Foi possível colocar em prática, através do ensino, conhecimentos construídos durante o curso e ainda conhecer melhor o público ao qual pretendo destinar futuras produções. Foi possível ainda, repensar caminhos que possam ser trilhados em direção à construção de um Cinema que promova liberdade, tanto para o Cinema enquanto arte como para a criança enquanto ser social, promovendo a partir desse encontro alguma transformação sociocultural que forme cidadãos que conheçam e lutem por seus direitos. (MOTA e GOUVEIA, 2012, p. 72, 77)

2 CINEMA DE ANIMAÇÃO

Entende-se aqui, por Cinema de Animação o produto audiovisual onde o movimento é criado através de uma ou mais técnicas de animação, diferente do Cinema de Ação Direta, onde o aparato técnico de gravação ou filmagem, captura em tempo real a cena enquanto ela ocorre. Ou seja, no Cinema de Ação Direta, a câmera registra os movimentos da ação enquanto eles ocorrem, já no Cinema de Animação, o movimento da ação é criado pelos animadores através de diversas técnicas, onde cria-se cada parte do movimento, o que chamamos de fotograma. Nesse caso, para cada segundo de ação, geralmente são criados e exibidos vinte e quatro fotogramas, criando assim a ilusão de movimento. (MORENO, 1978, p. 8)

Dentro desse conceito se enquadram diversas técnicas, como animação 2D digital ou tradicional, popularmente conhecida como “desenho animado”, animação 3D digital, animação em *stop motion*, animação de recortes entre outras.

Mas foram analisadas aqui três classificações quanto à proposta, comercial, artística e educativa.

2.1 Cinema de Animação Comercial

Assume-se aqui, como definição de Cinema de Animação Comercial o modelo que tem como objetivo principal o lucro, criando um produto que possibilite sua exploração comercial através de sua distribuição assim como da venda de subprodutos com sua marca (FONTENELLE, 2016, p. 135). Para atingir o lucro, seja na distribuição do produto audiovisual ou dos seus subprodutos, toda cadeia de produção é pensada, planejada e executada visando o que se julga que atrairá o interesse de todas as pessoas envolvidas no processo e principalmente o que julgam que será do interesse de maior número de espectadores possíveis (BERNARDET, 1991, p. 31). Devido à sua lógica comercial, envolvendo maior investimento, torna-se o modelo mais difundido e mais acessível.

Enquadram-se aqui também o Cinema de Animação voltado para publicidade, onde o produto audiovisual é produzido exclusivamente em função do produto a ser comercializado. Nesse caso não se vendem subprodutos do Cinema de Animação e sim, torna-se o Cinema de Animação um subproduto de outro produto qualquer.

Nesse sentido, diversas são as aplicações da Animação, desde seu uso em propagandas de produtos para crianças quanto o uso em propagandas de produtos

para adultos como, por exemplo, a longeva campanha da *Red Bull* com seu famoso bordão “Red Bull te dá asas” onde usam uma animação extremamente simples, com desenho semelhante a “tirinhas de jornal”, mas que alcançou grande sucesso e aceitação do público.

2.2 Cinema de Animação Artístico

Assume-se como Cinema de Animação Artístico o modelo que tem como objetivo principal a exploração de suas potencialidades estéticas, poéticas e críticas.

O Cinema de Animação faz uso de diversas expressões artísticas como desenho, pintura, escultura, fotografia, vídeo, música, ruídos, voz e outras. Essa diversidade proporciona ao público inúmeras possibilidades de experiências sensíveis, o que confere ao Cinema de Animação grande potencial estético. Dessa forma coloca-se no campo da arte como um objeto único, podendo se apropriar de outras expressões, mas com autonomia para se libertar ou “ressignificar” as mesmas (MARTIN, 2005, p. 21).

Entende-se ainda, que existem produções que conseguem um equilíbrio razoável entre mercado e arte. Criando um produto final com propostas artísticas interessantes e estimulantes para o público e que ainda assim alcançam um razoável retorno financeiro. Como exemplo temos *O incrível mundo de Gumbal*.

2.3 Cinema de Animação Educativo

Assume-se ainda como Cinema de Animação Educativo, o modelo que é usado tanto como apoio ao ensino de diversos conteúdos não ligados diretamente à arte quanto como instrumento para Educação Artística.

A relação Cinema e Educação, embora antiga, ainda é um pouco confusa, onde ambas as partes ainda resistem ao contato em função dos problemas que se apresentam na prática da mesma. (DUARTE, 2009, p. 69).

Desde o INCE, Instituto Nacional de Cinema Educativo (CARVALHAL, 2008), passando por projetos como o MCP, Movimento de Cultura Popular (SOUZA, 2014), até as várias propostas atuais espalhadas pelo Brasil (VILAÇA, 2006) (MARANHÃO, 2007) é notável, embora não seja muito divulgado, o esforço de nosso povo para que a arte seja um meio de se libertar das amarras impostas por questões políticas, econômicas e culturais. Muitas pesquisas foram e são feitas, e hoje contamos com um considerável corpo teórico sobre essa relação.

3 INFÂNCIA E CINEMA DE ANIMAÇÃO

É do senso comum que “desenho animado é coisa de criança”, embora, como já foi dito, o Cinema de Animação não se resume ao desenho animado e muito menos ao público infantil. Nesse contexto, grande parte da produção comercial é voltada a esse público, e acaba gerando um universo vasto de exploração comercial do produto audiovisual.

Enquanto arte, muitas propostas surgem relacionando o Cinema de Animação com a Infância, seja em produtos com temática relativa à infância ou com crianças produzindo conteúdo.

Visando o apelo que o Cinema de Animação tem junto ao público infantil, várias escolas, centros culturais e afins utilizam o Cinema de Animação como ferramenta auxiliar em suas atividades.

Em 2016 a Sociedade Brasileira de Pediatria lançou uma cartilha com algumas recomendações sobre o uso de mídias digitais por crianças e adolescentes, entre elas:

- O tempo de uso diário ou a duração total/dia do uso de tecnologia digital seja limitado e proporcional às idades e às etapas do desenvolvimento cerebral-mental-cognitivo-psicossocial das crianças e adolescentes.
- Limitar o tempo de exposição às mídias ao máximo de 1 hora por dia, para crianças entre 2 a 5 anos de idade. Crianças entre 0 a 10 anos não devem fazer uso de televisão ou computador nos seus próprios quartos. Adolescentes não devem ficar isolados nos seus quartos ou ultrapassar suas horas saudáveis de sono às noites (8-9 horas/noite/fases de crescimento e desenvolvimento cerebral e mental). Estimular atividade física diária por uma hora. (BRASIL, out. 2016, p. 3)

3.1 Infância e Cinema de Animação Comercial

O Cinema de Animação Comercial voltado para o público infantil no mercado brasileiro baseia-se em séries de Animação para TV, “longa-metragem” de Animação e publicidade, e boa parte da produção é estrangeira, o que vem mudando recentemente. Geralmente esses produtos são pensados dentro da lógica de mercado, visando o lucro como objetivo principal. Dessa forma a criança além de consumir o produto audiovisual ainda é induzida a consumir subprodutos que dele derivam.

Sob a perspectiva dos meios de comunicação, a demanda por programas de animação e a atividade econômica de produção de desenhos animados se expandiram de forma impressionante ao longo da última década. "A

animação é um investimento atraente devido à sua longevidade, sua capacidade de viajar e seu poder de criar fluxos suplementares de receita, a partir dos vídeos domésticos, das publicações, dos brinquedos e de outras atividades de licenciamento,"³ (FEILITZEN e BUCHT, 2002, p. 30)

Diante desse cenário surgem diversas propostas para minimizar os impactos negativos dessa relação, como a Resolução nº 163 de 13 de março de 2014, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA, que “Dispõe sobre a abusividade do direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança e ao adolescente” (BRASIL, 13 mar. 2014). Ou até mesmo proibir o direcionamento da publicidade diretamente às crianças como o Projeto de Lei (PL) 5921/2001, de autoria do Deputado Luiz Carlos Hauly do PSDB/PR, que segue em tramitação⁴. Algumas propostas apontam para a conscientização de pais, responsáveis e educadores sobre a complexidade da questão e a necessidade de acompanhar de perto as crianças (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE, 2013).

Sobre o Projeto de Lei acima citado, há um parecer do ano de 2008, do Conselho Federal de Psicologia, reconhecendo o risco da publicidade para a formação da criança, mas ressalta que a criança se tornará consumidora, mesmo que haja regulação, e que assim faz-se necessário prepara-la para o consumo consciente através da Educação. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2008)

Esses produtos comerciais dirigidos à Infância podem contribuir para a formação de uma Infância consumista e “adultizada”, alimentando nas crianças como símbolo de felicidade e sucesso modelos de “ser” distantes da realidade que se apresenta à maioria das crianças brasileiras. Modelos de beleza que tem como referência, pessoas brancas, corpos malhados, vidas extravagantes pautadas pelo consumismo.

Outro fator importante para se analisar sobre os conteúdos comerciais é a sua origem, geralmente, dos EUA, que de certa forma incute na formação de nossas crianças, modelos culturais estranhos à nossa cultura.

³Retirado de anúncio publicado na ScreenDigest sobre seu relatório Animation. The Challenge for Investors, em janeiro de 2001. <<http://screendigest.com/reanimation.htm>> (outubro 2001)”

⁴Informação disponível no site da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=43201>> Acesso em: 12 jun. 2017

Isso alimenta em nosso país a dominação exercida pelos EUA sobre outros países utilizando várias estratégias, entre elas o Cinema, seja no campo cultural, social político ou econômico. (BERNARDET, 1991).

Felizmente, embora modestamente, hoje contamos com produtos brasileiros nos canais de TV aberta, TV paga e em canais na internet, que tratam de temáticas culturais brasileiras e de forma mais crítica e menos pautada pelo consumo, como a série de Animação, *Juro que vi*, produzida pela Multi Rio com participação de alunos da Rede Municipal do Rio de Janeiro, exibida também no canal TV Escola.

No entanto, faz-se necessário certa divulgação desses produtos e canais de exibição e conscientização dos adultos envolvidos com a Infância sobre a necessidade de reconhecer a questão como essencial para formação das crianças.

Não podemos, porém, afirmar que todo produto comercial seja prejudicial à Infância. Ainda que sejam carregados de apelos ao consumismo, promotores de ideologias às vezes danosas à formação, tudo isso pode ser usado pelos adultos que acompanham a criança, como instrumento de formação crítica.

Claro que a tarefa não é simples, a criança nem sempre consegue identificar as mensagens por trás dos filmes, mas os adultos geralmente têm maior capacidade de percebê-las, por isso a importância de participarem de perto e ativamente dessa relação. (GINO, 2003, p. 42, 106)

Também não podemos assumir que as crianças são seres totalmente passivos e que reproduzem tudo que veem nas telas. Se uma criança reproduz algo que vê, é porque antes disso, a partir de suas referências, ela se identificou com o que viu e se projetou no mesmo. (DUARTE, 2009, p. 54)

3.2 Infância e Cinema de Animação Artístico

O Cinema de Animação Artístico brasileiro vem crescendo ultimamente e ganhando espaço e reconhecimento, tanto no Brasil quanto em outros países. A distribuição e exibição no país ainda são precárias, o que reduz o acesso de muitas crianças brasileiras a produtos que tem como principal objetivo a expressão artística. Vale ressaltar que a qualidade estética, poética e crítica desses produtos têm proporcionado ao Cinema de Animação brasileiro destaque mundial através de festivais pelo país que têm se destacado pela variedade de produtos e ações de formação de público e profissionais e criação de canais de exibição *online*, tanto de produções quanto de cursos de formação.

Como exemplo temos o *Dia Internacional da Animação*, idealizado pela *Associação Internacional do Filme de Animação (ASIFA)* que além do Brasil, acontece em mais de 30 países no mundo todo. No Brasil é promovido pela *associação Brasileira de Cinema de Animação (ABCA)* desde 2004.

Outro bom exemplo de festival é a *Mostra Udigrudi Mundial de Cinema de Animação - MUMIA* que traduz, no catálogo de sua décima quarta edição a importância de práticas colaborativas, inclusive a atual prática de usar a internet como meio de viabilizar tanto a produção quanto a distribuição, onde citam e se identificam com o posicionamento de Alejandro Jodorowsky sobre o *crowdfunding*.

O cineasta sintetiza bem, com a lucidez que sua experiência permite, ao dizer que “Esperando que a juventude não seja formada somente por idiotas infantilídeos consumidores, mas por espíritos novos que aspiram alimentar seu coração com ideias sublimes por meio de uma arte honesta, converti-me em um mendigo sagrado e inaugurei o crowdfunding”. Sim, esse também é o nosso espírito. (MOSTRA UDIGRUDI MUNDIAL DE CINEMA DE ANIMAÇÃO, 14. 2016. BELO HORIZONTE, 2016)

A *MUMIA* ainda se apresenta inovadora na forma de curadoria, adotando a “não-seleção”, exibindo todos os filmes inscritos. E exibiu, entre 2003 e 2012, 1452 trabalhos da 1^o *MUMIA* (2003) à 10^o *MUMIA* (2012). (LEITE, 2013, p. 459-464)

A *MUMIA* – Mostra Udigrudi Mundial de Animação vai em busca da ampliação dos espaços de imaginação e das possibilidades de novos dizeres, novos sentir, e de um novo modo de expressar, sendo também um estímulo à cultura cinematográfica brasileira, se assumindo como espaço para formação de novos espectadores e realizadores. Serão bem aceitos filmes e vídeos feitos sem apoio, com prejuízos para seus realizadores, sem incentivos e realizados com baixo custo ou com nenhum. A mostra tem o critério da não-seleção. (LEITE, 2013, p. 457)

Há também o *Anima Mundi*, que desde 1993 traz para o Brasil obras de vários cantos do mundo e proporciona às produções brasileiras visibilidade mundial. E ainda oferecem oficinas de produção de animação para seu público.

Essas entre outras iniciativas trazem, atualmente, determinado acesso ao Cinema de Animação como experiência artística, embora ainda sejam localizadas em regiões privilegiadas, e buscam através de seus meios virtuais divulgar e até exibir várias produções, o que de certa forma se apresenta também como distribuição.

Canais de TV como TV Cultura, TV Brasil, TV Escola, entre outros canais de TV pública vêm abrindo espaço para produções brasileiras, ou mesmo estrangeiras, que valorizam o potencial estético e crítico do Cinema de Animação.

3.3 Infância e Cinema de Animação Educativo

Há várias iniciativas, públicas, privadas, voluntárias e às vezes um misto, por todo o país, onde o Cinema de Animação é usado como apoio para a Educação, desde a alfabetização até graduações e pós-graduações. Para além do uso como auxiliar de outros conhecimentos ele também tem aparecido, às vezes dentro do ensino de artes, como objeto artístico capaz de estimular as crianças, estética, poética ou criticamente, seja através de exposições mediadas ou de oficinas onde as crianças se expressam através da produção própria de animações.

Vilaça (2006, p. 163), em um ótimo trabalho de pesquisa, nos apresenta “ações e iniciativas não-formais de educação através de uma seleção de projetos gerenciados por instituições e artistas que utilizaram o gênero animação como base para seus processos de inclusão audiovisual.”, onde podemos perceber uma significativa oferta de propostas inclusivas.

Há o contato com a Animação como expectadores, há trabalhos voltados para a contextualização, seja em escolas, projetos informais, ou mesmo com a família e até projetos de realização da Animação pelas crianças através de várias iniciativas onde elas produzem suas próprias animações. Por vezes essas alternativas são aplicadas isoladas e por vezes em conjunto. A união entre as possibilidades nos leva de encontro à “Abordagem Triangular” de Barbosa (1998, p. 37) que “[...] designa ações como componentes curriculares: o fazer, a leitura e a contextualização”.

Em 2014 foi aprovada a Lei 13.006 que “Acrescenta § 8o ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica”. (BRASIL, 26 jun. 2014)

Nas escolas algumas barreiras se apresentam, levando esse contato, algumas vezes, a um nível muito superficial e possivelmente alienante. Com a família a experiência limita-se a passeios às salas de cinema “*multiplex*” mais próximas, ou relegando à TV a tarefa de fazer companhia à criança, cumprindo o papel de “*babá eletrônica*” como já apontava Fusari (1985, p. 132).

Essa relação se dá em várias áreas do conhecimento, tendo impacto psicológico, social, pedagógico, exigindo assim um diálogo entre todos os envolvidos na formação da criança, de entidades governamentais e de toda sociedade, para ampliação de ações que se norteiem pelo propósito de transformar esse contato em

algo que possa estimular as crianças a crescerem com autonomia crítica para se relacionarem com esses apelos.

“O mundo atual caracteriza-se por uma utilização da visualidade em quantidades inigualáveis na história, criando um universo de exposição múltipla para os seres humanos, o que gera a necessidade de uma educação para saber perceber e distinguir sentimentos, sensações, ideias e qualidades. Por isso o estudo das visualidades pode ser integrado nos projetos educacionais. Tal aprendizagem pode favorecer compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade e seus conceitos e se posicione criticamente.” (BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1998, p. 63)

Além de estar ao lado das crianças nos momentos de exposição aos conteúdos audiovisuais, é necessário que haja também uma “Educação” dos adultos responsáveis pelas crianças, como já apontava Fusari. “Mas o que se aponta como necessária, no caso, é a aprendizagem, por parte desses adultos, a respeito do que escolher, do que olhar, de como olhar a televisão e de como fazer fluir este significado junto às crianças.” (FUSARI, 1985, p. 131)

O site *Vídeo Camp*⁵ oferece acesso gratuito a um considerável acervo audiovisual para qualquer pessoa que se disponha a realizar exposições dos mesmos. Ao se cadastrar como exibidor, a pessoa passa a integrar a rede de colaboradores e o site mapeia as exposições em todo o mundo, deixando à disposição dos internautas os planos de trabalho com a descrição de como foram realizadas as atividades.

Se destaca também a *Rede Kino - Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual*⁶, criada em encontro realizado em 2009 na Faculdade de Educação da UFMG, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, reunindo pesquisadores e profissionais da Educação, Cinema e do Audiovisual com o propósito de promover trabalhos e reflexões na área.

Ainda contamos com projetos que valorizam propostas educativas que tenham potencial estético, crítico e emancipador, como o prêmio anual *Criativos da Escola*. O projeto não premia apenas propostas relativas ao Cinema de Animação, mas conferindo o histórico da premiação encontramos alguns projetos que usaram de forma inspiradora a relação Cinema e Educação.

⁵ Site oficial do Video Camp. Disponível em: <<http://www.videocamp.com/pt/>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁶ Site oficial da Rede Kino – Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual. Disponível em: <<http://www.redekino.com.br/>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

4 FORMAÇÃO ESTÉTICA E CRÍTICA

De acordo com Abbagnano (2012, p. 426) Estética “[...] designa-se a ciência (filosófica) da arte e do belo. O substantivo foi introduzido por Baumgarten, por volta de 1750, num livro (*Aesthetica*) em que defendia a tese de que são objeto da arte as representações *confusas*, mas *claras*, isto é, sensíveis mas “perfeitas”, enquanto são objeto do conhecimento racional as representações distintas (os conceitos). Esse substantivo significa propriamente “doutrina do conhecimento sensível”. [...] e segue traçando as teorias e reflexões levantadas desde então sobre o que é Estética apresentando-nos a complexidade da questão.

São compreensíveis e válidas todas as reflexões acerca da questão, mas assumimos nessa pesquisa a preocupação apenas com a Experiência Estética, e nesse sentido a educação da Experiência Sensível.

Ocorre com o sujeito em curso da experiência estética um encantamento que permanece, tornando o objeto estético especial para toda a vida, gerando um pertencimento sem necessidade de explicação; um reencontro. Depois de uma experiência estética, nos sentimos diferentes, atentos a pequenas coisas que talvez por muito tempo não foram percebidas e que não existiam para nós. Levamos para sempre conosco, após uma experiência estética, o objeto apreendido, ele passa a fazer parte de nossa vida e de nosso repertório de lembranças das boas coisas vividas. (SOARES, 2015, p. 167-168)

Vigotski nos apresenta uma análise de vários aspectos da Educação Estética (2010, p. 323), seja analisando a “*estética a serviço da pedagogia*” ou da “*Moral e arte*”, apontando diversos problemas da Educação Estética, principalmente o fato de usá-la como meio para fins alheios à Estética. Mas também aponta caminhos a trilhar, como estimular na criança o ato da criação e da percepção. (VIGOTSKI, 2010, p. 351).

Duarte Jr. nos mostra que as discussões sobre a importância da Educação Estética data desde o “setecentos”, onde Friedrich Schiller, em contraponto aos ideais iluministas da época, defendia em “*Cartas sobre a educação estética da humanidade*”, que a sensibilidade e a racionalidade deveriam ser trabalhadas em conjunto para a formação humana, passando por Herbart com o trabalho “*Sobre a revelação estética do mundo como a principal obra da Educação*”, até Herbert Read, em 1943 com o livro “*Educação através da Arte*”, onde defendia que a Educação Estética fosse realizada desde a Infância “por meio da arte e do fazer artístico”. Duarte ainda ressalta que essa “educação através da arte” acabou se tornando, por

vezes, mais em um ensino técnico de arte do que em uma Educação da Sensibilidade. (DUARTE JR., 2001, p. 181-183)

Sobre a importância do desenvolvimento da sensibilidade na formação humana e não apenas para o artista, Pedrosa e Arantes (1996, p. 269) a aponta como motriz em todos os domínios da atividade humana, inclusive na política e ciência. Assim como defende Duarte Jr. sobre a relação entre o conhecimento lógico e o saber sensível, onde aponta que “a sensibilidade do indivíduo constitui, assim, o ponto de partida (e talvez, até o de chegada) para nossas ações educacionais com vistas à construção de uma sociedade mais justa e fraterna, que coloque a instrumentalidade da ciência e da tecnologia como meio e não um fim em si mesma.” (DUARTE JR., 2001, p. 139).

Uma abordagem interessante sobre Educação Estética se encontra nas palavras de Schafer onde diz:

"Não tenho uma filosofia da educação em particular, porém a cada dia me convenço mais firmemente de uma coisa: deveríamos abolir o estudo de todas as artes nos primeiros anos da escola. Em seu lugar teríamos uma disciplina abrangente, que poderia ser chamada "estudo dos meios", ou melhor, "estudo em sensibilidade e expressão", a qual poderia incluir todas e por sua vez, nenhuma das artes tradicionais." (SCHAFER, 1992, p. 291)

Nesse contexto, o Cinema de Animação se mostra potente por carregar em seus produtos vários estímulos estéticos, tanto para quem o assiste, quanto para quem o produz. Segundo Martin, isso se deve à capacidade do Cinema de se apropriar de diversas formas de arte, criando assim uma linguagem única de expressão capaz de estimular diversos sentidos. (MARTIN, 2005, p. 31).

Não basta aumentar o número de salas de cinema no país, criar leis de incentivo à produção e distribuição do Cinema Brasileiro se não houver um trabalho de formação de público. Os filmes brasileiros de maior bilheteria no país raramente se apoiam no potencial estético e crítico do cinema, e aqueles que ousam fazer cinema como arte amargam o descaso do “grande público”. Alguns espaços como cineclubes ainda se esforçam para oferecer algumas atividades de formação de público.

Sobre a relação da criança com meios audiovisuais é preciso analisar até que ponto a criança sofre influência, quais os seus efeitos e como usá-los de forma positiva para contribuir para formação de cidadãos críticos e capazes de perceber e compreender o mundo no qual estão inseridos.

O que se espera é que, quanto à educação informal infantil em São Paulo, no Brasil e hoje, essas pessoas se informem melhor, se atualizem constantemente, proponham e vivam aberta, crítica e coletivamente as suas ações de educação informal, no cotidiano de suas vidas contemporâneas a serviço, também, da infância com a qual se relacionam e que representa a geração adulta do futuro, neste país. (FUSARI, 1985, p. 149)

Cabe então ao mediador orientar a criança para se posicionar de forma crítica diante das informações recebidas transformando-a de “*mero e passivo receptor, de elemento manipulado pela mensagem, em elemento manipulador e crítico da mensagem.*” (PILETTI, 2010, p. 153-154). Assumindo assim a responsabilidade de educar nossas crianças para uma recepção crítica desses meios e sempre que possível a apropriação desses meios para questioná-los e transformá-los como já apontava Bourdieu, para a necessidade de questionar esses meios também de dentro deles e não só de fora. Inserindo-se neles, para atingir seus públicos. (BOURDIEU, 1997, p. 15-18)

Hoje socialmente, sofremos com um certo “analfabetismo digital e comunicacional”. O acesso a inúmeros meios de comunicação e aparatos tecnológicos cresce diariamente. Se em 1985 Mariazinha Fusari buscava compreender a relação da criança com os desenhos animados na TV (FUSARI, 1985), hoje a relação ganhou outras telas. Infelizmente a mesma falta de discernimento dominante àquela época ainda se faz presente na dificuldade encontrada pela população em geral em fazer uso crítico desses meios.

A televisão ainda se apresenta como o instrumento de maior influência sobre a população brasileira. Infelizmente ainda não é muito democrática, sendo a produção no Brasil, controlada por poucos grupos através de concessões públicas, como as famílias Sarney, Magalhães e Collor (MOTA e GOUVEIA, 2012, p. 83).

Infelizmente não são todos os brasileiros que têm conhecimento disso, mas é possível ensinarmos isso para nossas crianças. Podemos usar o potencial do Cinema de Animação, que a indústria usa para transformá-las em “iscas” para fisgar os “bolsos” dos pais, como instrumento de formação crítica, produzindo conteúdo, com elas e/ou para elas, que tragam à tona essas questões, contribuindo assim para que cresçam conscientes dos interesses por trás dos produtos audiovisuais que consomem.

[...] Constitui missão ética preocuparem-se os pais com o futuro de seus filhos e das vindouras gerações, diante da avassaladora influência que a comunicação imagética vem exercendo sobre seus destinatários. Essa ética cidadã impele qualquer pessoa a controlar a TV, que apenas sobrevive se

realimentada com audiência. Essa a arma eficiente da cidadania: o boicote, a censura doméstica, a utilização de outros instrumentos da mídia para criticar a má programação, para mostrar o desacerto da TV e para cobrar de seus responsáveis o retorno ao caminho reto. (NALINI, 2011, p. 199)

Reconhecemos a dificuldade da tarefa, como apontado por Fusari (1985, p. 131) “Ora, se ignoram as consequências da própria escolha de uma programação televisiva, como fazê-lo, educativamente, para seus próprios filhos?”. Mas é preciso buscar parcerias para que esses ideais de liberdade de concretizem.

Mudar nossa postura consumista e alienada e criticar o que o mundo contemporâneo e a sociedade capitalista nos impõem é a chance que temos de refletir e lutar para a construção de outra sociedade que priorize no homem o aspecto afetivo, psíquico e crítico. A Arte na educação está atrelada a este processo de mudança, e flutua entre teorias estéticas e pedagógicas para efetivar sua contribuição. (SOARES, 2015, p. 28)

Outro exemplo importante para a formação de uma visão crítica sobre o Brasil é o site⁷ do filme *Uma história de amor e fúria* (2013) de Luiz Bolognesi, onde é disponibilizado um material didático com uma reflexão importantíssima sobre os “falsos heróis” brasileiros que foram agraciados com estátuas e os “verdadeiros heróis” que morreram por lutarem por igualdade e que se não foram jogados ao esquecimento foram marcados como “vilões”. O filme tem classificação indicativa para maiores de 12 anos, o que limita um pouco o público. Outro ponto sobre o filme que vale ressaltar é que foi vencedor de um dos mais importantes festivais dedicados ao ramo da Animação, o *Festival de cinema de animação de Annecy*, entre outros festivais internacionais, o que ajuda a levar para fora do Brasil outra percepção sobre a história do país. Assim como grandes estúdios *hollywoodianos* usaram o Cinema para disseminar sua cultura e hegemonia sobre o resto do planeta, esse filme cumpre um papel inverso, ao invés de levar para o mundo uma visão distorcida do nosso país para favorecer interesses político-econômicos, leva uma visão crítica, diferente da que é disseminada até mesmo para nosso próprio povo.

Como disseram Cortella e Dimenstein, na “*Era da curadoria: o que importa é saber o que importa*”. (CORTELLA e DIMENSTEIN, 2015). Partindo desse conceito e as reflexões que se abrem a partir dele, é preciso criar canais de curadoria para

⁷ Site oficial do filme *Uma história de amor e fúria*. Disponível em: <<http://www.umahistoriadeamorefuria.com.br/>> Acesso em: 12/06/2017

oferecer à população uma alternativa ao modelo apresentado pelo mercado, pautado pela alienação ou lucro. Assim como feito pelo próprio Dimenstein com o site “*Catraca Livre*”, onde destaca-se para essa pesquisa o seu “subsiste” *Catraquinha*⁸, onde reúne-se incontáveis propostas de ações para a formação de uma infância cidadã, crítica, participativa e mais humana. Ideias de curadoria que vão de encontro às reflexões de Ferrari.

Na curadoria educativa [...] o objetivo é descobrir e dinamizar aspectos das obras de arte que possam acender diálogos com o público. Tem como proposta abrir possibilidades de viver experiências estéticas, para que se desenvolva uma consciência sensível do que se vê, percebe ou ouve. Nos processos de ensino e aprendizagem da arte, podemos criar curadorias educativas, selecionando, combinando ou propondo jogos de interpretação. (FERRARI, 2012, p. 44)

⁸ Site *Catraquinha*. Disponível em: <<https://catraquinha.catracalivre.com.br/brasil/>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

5 CINEMA DE ANIMAÇÃO E SEU POTENCIAL

Como já mencionado, o Cinema de Animação se apropria de diversas expressões artísticas. Através de suas expressões visuais é possível que a criança perceba como coisas simples do cotidiano ganham vida na tela, o que pode levar a criança a estabelecer outro "olhar" para essas coisas no seu dia-a-dia. Um bom exemplo é animação de areia ou de objetos banais como uma caixa de leite. Essa educação do olhar se torna possível através da exibição mediada dos filmes, mas ao fazer a Animação, a criança tem ainda a oportunidade de colocar nessa experiência de "dar vida" toda sua subjetividade e criar um vínculo maior com esse aprendizado.

O potencial do Cinema de Animação de "criar vida" para coisas inanimadas vai além de propostas visuais. Desde o início do Cinema de Animação que a relação entre imagem e som extrapola a realidade e a naturalidade, relacionando sons de tambor com passos de personagens, sons de apito com sustos e outras propostas. Essa proposta pode levar a criança ao estranhamento e assim à reflexão sobre a origem do som, buscando no cotidiano quais seriam os sons reais daquelas ações. Na prática da Animação a criança ainda ganha a oportunidade de criar suas próprias relações, dando para determinadas ações os sons que acreditam representá-las. Assim, através de um estímulo à sua percepção, a criança percebe as relações entre som e imagem, e a possibilidade de relacioná-los de diversas formas. E através da prática tem a possibilidade de recriar, ou mesmo criar, o mundo de acordo com sua percepção e sua sensibilidade.

Depois de passarem por Experiências Estéticas as crianças buscam no mundo aquilo que viram na tela, o que no mínimo leva a criança a observar com mais cuidado o mundo à sua volta e as relações entre as coisas presentes nesse mundo. Se a criança não percebe isso em um primeiro momento, cabe ao educador apresentá-la questões que estimulem a percepção, sem apresentá-la respostas, orientando apenas a criança a construir suas próprias descobertas.

Através da exibição mediada abre-se a possibilidade de formação crítica, apresentando e discutindo com as crianças questões sobre o mundo que as rodeia e conseqüentemente as afeta, estimulando a formação de cidadãos críticos e conscientes de si e do mundo em que estão inseridos.

É compreensível, como já apontado, a dificuldade mesmo de adultos em compreender todas as metáforas ou ideologias apresentadas nos filmes, mas até

para isso já existem sites na internet com referências, como o site *Adoro Cinema*⁹, que reúne diversas críticas cinematográficas, geralmente sobre filmes comerciais, que servem de referência para se compreender melhor as propostas dos mesmos.

A exibição mediada ainda abre espaço para desenvolver na criança uma percepção visual e auditiva, afetando até outros sentidos como no caso dos filmes com exibição em 3D. Embora esse trabalho necessite um conhecimento mais técnico por parte do adulto envolvido, o simples contato com experiências diversas já é suficiente para provocar Experiências Estéticas, que formarão na criança referencial para que elas por si mesmas consigam, com o tempo, perceber de forma mais construtiva todo potencial do Cinema de Animação.

Através da produção de Animações com as crianças abrem-se caminhos para uma apropriação mais significativa dos temas discutidos para produção dos filmes e também das expressões artísticas usadas. Abrindo também caminhos para que elas expressem o que compreenderam. Isso contribui para uma apropriação tanto do conteúdo quanto do aparato técnico de produção, colocando-a em posição de consumidor ativo e transformador do meio.

[...] podemos construir nossa autonomia e autoria de projetos de ações educativas em arte ao pensar não mais como aquele professor *que dá aulas de arte*, mas como aquele que propõe percursos poéticos, estéticos, criativos que também *são artísticos e educativos*. (FERRARI, 2012, p. 30)

Além da formação crítica e estética da criança, é possível através da divulgação dos materiais produzidos por elas, abrir caminho para conscientização de outros adultos, sejam profissionais da Educação, da Comunicação, do Cinema, de pais ou responsáveis. Isso pode levar à construção de novos hábitos diante do contato com essas mídias.

Cabe mencionar aqui o documentário *Promessas de um mundo novo* (2001), dirigido por Carlos Bolado, B.Z. Goldberg e Justine Shapiro, que mostra o conflito entre Israel e Palestina sob a ótica de algumas crianças. Em um primeiro momento parece interessante ver crianças politizadas, discutindo seus problemas, lutando por mudanças, defendendo seus ideais, mas vemos como esse contato com temas complexos em um período de imaturidade pode favorecer a formação de pessoas

⁹ Site *Adoro Cinema*. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

intolerantes e extremistas. Produzindo entre 1997 e 2000, ao final do filme vemos como todo esse trabalho mudou a forma como algumas das crianças se viam e viam o conflito em que estavam inseridas. Chegando a concorrer ao Oscar de melhor documentário em 2002, o filme levou para o mundo inteiro a discussão levantada.

É preciso e extremamente possível usar a produção audiovisual para nos conectar com as crianças. É preciso repensar nosso consumo acrítico desse Cinema de Animação Comercial e trabalharmos para fomentar toda produção Artística e Educativa que vem crescendo ultimamente, pensando sempre em como fazer isso de forma a contextualizar os trabalhos realizados com a realidade das crianças envolvidas, contribuindo para que cresçam conscientes, de si e do mundo em que estão inseridas, e das implicações de suas ações sobre a vida de outras pessoas e do seu poder de transformar o meio em que vivem.

Alguns Festivais de Cinema pelo país se dedicam exclusivamente a desenvolver propostas relativas à Infância, como a *Mostra de Cinema Infantil* e o *Festival Internacional de Cinema Infantil*. Grande parte dos Festivais espalhados pelo país tem categorias dedicadas à Infância. Além de serem espaços propícios a uma recepção crítica, tanto pelas temáticas abordadas nos filmes exibidos quanto pela proposta estética que geralmente valorizam o potencial artístico da linguagem da Animação, esses festivais também se apresentam como meio de divulgação e valorização das Animações feitas pelas crianças.

A demanda por produções educativas também aumenta e produções com propostas educativas apresentam boa recepção de público, como “*Show da Luna*”, “*Dora, a Aventureira*”, “*Doki*” e outros.

Um exemplo interessante de participação da família na relação entre Cinema e filhos encontra-se no livro de Gilmour (2009), onde narra sua experiência com seu filho de quinze anos que ia mal na escola. Gilmour propõe ao filho que abandone a escola e vá morar com ele, ficando sem trabalhar e sem pagar aluguel, desde que assistissem juntos, a três filmes por semana, escolhidos pelo pai. Através dos filmes e discussões sobre os mesmos, os dois reforçam seus laços e o pai encontra um canal de diálogo com o filho para ajudá-lo a superar sua crise. Claro que o presente trabalho não recomenda que pais aconselhem os filhos a abandonarem a escola, mas sim, que caso seus filhos tenham contato com o Cinema de Animação, seja Comercial, Artístico ou Educativo, que eles estabeleçam entre si, uma relação de diálogo sobre os filmes. Gilmour nos mostra como podemos através do Cinema nos

conectar com os filhos, sejam adolescentes ou crianças. Em tempos de muitas redes sociais virtuais, essa é uma oportunidade muito rica de “encontrar” os filhos fisicamente.

Outro ótimo exemplo é do crítico de cinema Pablo Villaça em seu canal no Youtube¹⁰. Entre muitos vídeos com críticas e análises de vários estilos cinematográficos ele faz vídeos onde discute com seus filhos as Animações que assistiram juntos. Sempre em uma relação horizontal discutem sobre a recepção que tiveram dos filmes e discute com seus filhos aspectos técnicos do filme, proporcionando às crianças uma visão tanto da recepção sensível quanto uma visão crítica sobre as intenções por trás das escolhas técnicas dos filmes. A simplicidade da atividade é a constatação de que a principal fonte para uma Educação Estética e Crítica através do Cinema de Animação é o contato do adulto com a criança, sempre a respeitando, sem trata-la como um indivíduo incapaz de entender o mundo que lhe cerca.

Embora os dois sejam críticos de cinema, com vasto conhecimento sobre linguagem cinematográfica, fica claro tanto no livro de Gilmour quanto nos vídeos de Villaça que o maior potencial do exercício proposto é o contato com os filhos e a escuta dos mesmos.

Vimos assim que muitas propostas são possíveis, tanto na escola quanto em casa, por pais e responsáveis ou profissionais do Cinema ou da Educação, na internet ou na TV, pelo governo ou pela sociedade civil.

¹⁰ Canal virtual do crítico de cinema Pablo Vilaça. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/pablovillaca>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

6 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente trabalho partiu do desejo de investigar empiricamente o potencial do Cinema de Animação para a formação estética e crítica na Infância. No decorrer da prática das oficinas com as crianças surgiu a necessidade de um aprofundamento teórico sobre a relação, buscando referências nas áreas da Educação, Estética, Arte-Educação, Mídia e Consumo, Mídia e Educação, Educomunicação, Infância.

[...] As pessoas podem aprender uma técnica de três maneiras: lendo sobre ela ou ouvindo sua explicação, observando enquanto outros praticam, ou praticando a técnica por si mesmas. O aprendizado mais eficaz combina as três alternativas, mas a terceira é decisiva: não basta apenas ler, ouvir e observar - é preciso fazer. E, uma vez que a pesquisa é uma atividade social, praticá-la significa desempenhar um papel social. (BOOTH, COLOMB e WILLIAMS, 2005, p. 17)

Através da realização das oficinas de exibição e prática de Cinema de Animação, foi apresentado às crianças envolvidas, de faixa etária entre 6 e 8 anos, como contraponto ao modelo ofertado pelo mercado, o Cinema no contexto da Arte-Educação tomando como referência a “*Abordagem Triangular*” de Ana Mae Barbosa.

Foi possível ainda, analisar a relação das crianças com esse Cinema, refletir criticamente com as mesmas sobre essa relação e estimulá-las a se expressarem de forma crítica através do “fazer Cinema”, buscando assim uma “*educação como prática da liberdade*” como propôs Freire.

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, em vez de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. (FREIRE, 2011, p. 118)

Foram realizadas entrevistas individuais com algumas crianças para identificar quais os “desenhos animados” que tinham contato e como se dava a relação desse contato. Foram realizados debates coletivos após exibições de curtas-metragens para verificar a interpretação das crianças quanto às técnicas e temáticas para traçar rumos para a produção das animações feitas por elas.

Foram exibidos curtas-metragens de Animação de diversas técnicas e diversas temáticas para aumentar o leque de referências das crianças, para auxiliá-las no momento de se expressarem através da produção das próprias animações formando referencial imagético e sonoro para analisarem/perceberem outros filmes.

7 OFICINAS

Foram realizadas nove oficinas no espaço da Escola Integrada na Escola Municipal Francisca Alves, localizada no bairro Santa Terezinha, cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, criada pelo Decreto 2084 de 14 de outubro de 1971¹¹. A escola oferece o Ensino Fundamental, EJA (Educação de Jovens e Adultos), Escola Integrada e Escola Aberta. Oferta ainda aulas de capoeira, dança, natação, excursões frequentes a espaços culturais.

A escola atende alunos da região da Pampulha e bairros adjacentes. A região apresenta grande diversidade, com bairros de diversos níveis sociais, o que se reflete um pouco no perfil dos alunos da escola. O grupo de crianças participantes das oficinas realizadas para esse trabalho apresentou relativa diversidade socioeconômica, cultural e intelectual. Algumas crianças demonstraram certo grau de criticidade e acesso a informação maior que o restante do grupo. Algumas relataram não terem acompanhamento para realizar atividades em casa enquanto outras relataram repetir algumas das atividades em casa. Demonstraram participarem de manifestações artísticas, culturais e religiosas diversas, tanto dentro quanto fora da escola.

As oficinas com crianças foram o ponto de partida para esse trabalho. No início pretendeu-se realizar também uma análise de recepção, mas com a prática das oficinas e com a leitura de trabalhos semelhantes de análises de recepção, constatou-se a necessidade de mais tempo para a realização de uma análise consistente em função do fato de possuir um grupo focal que não representa a diversidade sociocultural de nosso país e o fato de que as crianças de 6 anos demonstraram não possuir ainda vocabulário suficiente para expressarem seus sentimentos, opiniões ou ideias, ao contrário das crianças de 8 anos que já demonstraram certo grau de senso crítico suficiente para fomentar debates muito construtivos, mas demonstraram em debates coletivos certo desejo de influenciar a recepção das outras crianças através de respostas que indicaram certa distorção da

¹¹ MINAS GERAIS (Estado). Decreto Nº 2.084, de 14 de outubro de 1971. Cria e denomina novos Grupos Escolares. Disponível em: <<https://www.cmbh.mg.gov.br/atividade-legislativa/pesquisar-legislacao/decreto/2084/1971>>. Acesso em: 04 jul. 2017

realidade. Todas essas imprecisões nas respostas demonstram a necessidade de certo conhecimento de técnicas de análise e talvez uma pesquisa que acompanhasse as crianças por período relativamente grande, onde fosse possível observar o impacto das ações propostas na formação das mesmas.

Ainda que a análise de recepção feita através das poucas entrevistas individuais, das conversas coletivas com as crianças não demonstrasse potencial para chegar a alguma conclusão que pudéssemos estender à relação ampla e complexa entre Infância e Cinema de Animação em nosso país, foi possível constatar o potencial das atividades para estabelecer uma aproximação com as crianças. Em um cenário onde poucas escolas possuem profissionais da área da psicologia e com poucos pedagogos, as atividades mostram um caminho alternativo de análise da criança, uma oportunidade de ouvi-las e estimulá-las a se expressarem. Foi possível também, através das atividades reflexivas com as crianças, encontrar caminhos de diálogo que alimentassem a produção dos filmes, dando voz às crianças, reafirmando assim o potencial das atividades para uma discussão, recorrente atualmente, sobre formação de uma Infância cidadã e participativa.

Considerou-se então que o caminho mais produtivo seria mesmo o trabalho com as crianças, apresentando, discutindo e fazendo Cinema de Animação.

7.1 01/09/2016 – Início

Os trabalhos foram iniciados com uma apresentação sobre o que seria feito nas oficinas, informando que seriam exibidos alguns filmes de Animação diferentes do padrão comercial, que haveria discussões sobre os mesmos e que seriam produzidos alguns filmes baseados nos filmes que foram exibidos e nas discussões sobre os mesmos.

Na sala haviam 41 crianças com idade de 6, 7 e 8 anos.

Foram exibidos 4 filmes com estéticas diferentes do padrão comercial às crianças para entrevistá-las e procurar identificar como foi a recepção aos mesmos.

A proposta era entrevistá-las individualmente enquanto as outras assistiriam um longa-metragem escolhido por elas coletivamente. Foram apresentados para escolha, *O menino e o mundo*, *Alvim e os esquilos* e *Jack e a mecânica do coração*. Foi apresentado um *trailer* dos mesmos com comentários descrevendo as diferenças de temas e estética visual e sonora. Escolheram *Alvim e os esquilos*.

Muitas crianças associaram as oficinas apenas à exibição de filmes, pedindo filmes comerciais como filmes de terror e filmes dos “vingadores”. Fato que sempre se repetia no início das oficinas, mas que diminuiu com o tempo. Ver Anexo A, Relato 1.

Esse interesse acabou norteadando as discussões e definindo o conteúdo das produções e apontou para reflexões que devem ser assumidas por toda a sociedade, como a possibilidade de que muitos adultos não têm noção da influência desses produtos na formação das crianças, uma vez que algumas das crianças, quando questionadas, relataram assistir filmes de terror com os pais ou algum outro familiar como irmãos e primos mais velhos.

Poucas crianças foram entrevistadas individualmente.

Quanto à recepção dos filmes opostos ao padrão comercial verificou-se que o método usado não contribui muito. Os quatro filmes foram apresentados para todas as crianças coletivamente e depois algumas foram entrevistadas individualmente. Quando eram questionadas sobre os filmes elas não se recordavam muito dos filmes. Fato que despertou interesse sobre a memória de curto prazo dessas crianças e como isso pode influenciar a relação das mesmas com esses produtos audiovisuais. Funcionaria melhor se os filmes fossem exibidos também individualmente e as perguntas feitas após a exibição para que não as confundisse. Ainda assim foi possível perceber certo interesse e certo incômodo pelos filmes, o que evidencia certa relação estética na recepção.

Sobre a relação com o Cinema de Animação, através das entrevistas e debates coletivos com as crianças, verificou-se um maior contato pela TV do que por salas de cinema ou internet. Curioso o fato de nenhuma delas mencionar que assistiam a filmes com frequência na escola, no período entre o fim da Escola Integrada e o horário de almoço. Fato que só foi mencionado depois de certo tempo pelo Coordenador da Escola Integrada.

7.2 08/09/2016 – *Flipbook*

Iniciou-se o contato com a produção através do *flipbook* para mostrá-las como se dá a construção do movimento pela animação. Não foi o foco das oficinas ensinar princípios da animação ou qualquer educação da complexidade das técnicas usadas. O foco sempre foi a Experiência Estética. Proporcionar às crianças uma percepção sensível. Felizmente algumas crianças demonstraram facilidade em

entender o processo e por vezes algumas crianças demonstraram interesse em saber mais sobre os detalhes. Nesse caso procurava-se explicar para todas as crianças.

Constatou-se nessa oficina o grande desafio de desenvolver o trabalho com 41 crianças, mesmo com o apoio de quatro monitores acompanhando. Apesar de toda dedicação, paciência e apoio dos monitores, verificou-se a importância de qualificar monitores como apresentado por Vilaça (2006), mas esse não era o foco desse trabalho. Em conversa com o coordenador da escola integrada que sempre se mostrou solícito e paciente, assim como todos da escola, ficou acertado que as próximas oficinas seriam realizadas com apenas uma parte do grupo, alternando as semanas para atender a todas.

Algumas crianças mostraram dificuldade para entender a lógica da criação do movimento. Ver ANEXO A, Relato 2 e Relato 3.

A maioria das crianças se mostrou surpresa com a descoberta de como era construído o movimento. Algumas relataram já ter feito atividades parecidas em excursões da escola. O que reforça a ideia de que para algumas crianças é necessária repetição de alguns conceitos para fixação do conhecimento.

7.3 15/09/2016 – Pixilation com turma de 6 anos

Para essa oficina pretendia-se usar câmeras de celular e qualquer material disponível na escola. Para captura das imagens foi usado o aplicativo de celular para produção de filmes em *stop motion* desenvolvido pelo estúdio *Cateater*¹², disponível para *download* gratuito, para dispositivo eletrônico com sistema operacional *Android*, no *Google Play* com o nome *Estúdio Stop Motion*¹³, e para dispositivo com sistema operacional *IOS*, na *App Store* com o nome *Stop Motion Studio*¹⁴.

¹² Site do estúdio de desenvolvimento *Cateater*. Disponível em: <<https://www.cateater.com/>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

¹³ Página do aplicativo *Estúdio Stop Motion* no site do *Google Play*. Disponível em: <<https://play.google.com/store/apps/details?id=com.cateater.stopmotionstudio>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

¹⁴ Página do aplicativo *Stop Motion Studio* no site da *App Store*. Disponível em: <<https://itunes.apple.com/us/app/stop-motion-studio/id441651297?mt=8>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

A ideia era realizar as atividades da maneira mais simples e econômica possível, de forma que qualquer pessoa com disposição de tempo pudesse repetir as atividades com suas crianças. Com o desenrolar das atividades algumas crianças pediram para anotar o nome do aplicativo e uma menina relatou ter realizado atividades com sua prima em casa.

As 41 crianças foram divididas para melhor desenvolvimento das atividades.

Com dois grupos menores constatou-se que o trabalho rende mais. Foi possível observar melhor as crianças. Observando a reação das mesmas foi possível direcionar a produção de acordo com as especificidades do grupo.

Foram exibidos alguns filmes de curta-metragem realizados com a técnica *pixilation* e foi explicada a elas a lógica da produção. Foram exibidos como exemplo, filmes feitos em escolas e filmes mais profissionais usando a técnica. A recepção aos filmes profissionais foi muito melhor do que aos filmes feitos em escolas. Pediam para repetir os profissionais e pediam para parar os de escola. Essa recepção mudou como veremos a frente no item 7.6.

Foi aberto um debate para decidir qual seria o roteiro. Desde o início a intenção era que as crianças protagonizassem todo o trabalho, e que tivessem liberdade para se expressarem com o mínimo de interferência possível, inspirado especialmente pelo trabalho de Palhares e Carvalho (2015). O resultado final desse trabalho talvez não se mostre tão poético e esteticamente bem produzido quanto o trabalho de Palhares e Carvalho, mas possibilitou a constatação de que o ensino de arte é mais potente para o aluno quando o trabalho é livre de padronizações e tentativas de impor técnicas e teorias. A experiência se mostrou extremamente estética, constatação possível através da observação dos “olhares arregalados” e “desligados do mundo”, e através da comoção de algumas crianças.

Algumas crianças queriam fazer um filme de terror, com vampiros, zumbis e fantasmas. Uma menina escreveu uma história de uma mãe com um bebê e um vampiro que roubava a criança. Em conversa coletiva chegaram a um entendimento de unir as histórias. Vale aqui refletir sobre a facilidade e desenvoltura que essa menina construiu o roteiro, defendeu suas ideias e a adaptou aos interesses da turma, isso com apenas 6 anos.

Todas as crianças se mostraram interessadas em participar, com exceção de um garoto que se mostrou um pouco constrangido pela proposta de ser fotografado. Foi proposto a ele que fotografasse as cenas ou ajudasse a confeccionar as

fantasias. Ele se negou a participar mostrando desinteresse por qualquer atividade. Foi proposto a ele que então atuasse como produtor. Curiosamente, ao perguntá-lo se sabia o que seria o produtor, ele imediatamente respondeu que seria o auxiliar na execução e organização das atividades e imediatamente começou a organizar os materiais espalhados pela sala organizando-os sobre uma grande mesa que ficava na frente da sala, mostrando-se muito entusiasmado com sua função. Durante a realização das atividades algumas crianças emprestaram seus objetos aos colegas e ao final esse aluno produtor foi quem deu conta de devolver os objetos que ele mesmo recolheu à medida que as crianças acabavam de usar. Se não fosse ele, muitos materiais se perderiam, devido a minha memória falha.

Esse fato aponta para uma questão interessante. No contexto de uma oficina de Cinema, forçar uma criança a executar uma tarefa que ela não se identifica seria construtivo para sua formação? Ou buscar, dentro do objetivo da oficina, uma atividade que atenda a necessidade e subjetividade da criança é um caminho mais construtivo? Ao decorrer da atividade ele aceitou participar também como fotógrafo.

Houve muita confusão na confecção das fantasias. Nesse grupo de 6 anos as crianças eram muito agitadas. Até a última oficina, em todas as atividades com elas, era impossível fazê-las voltar às cadeiras depois que iniciavam as atividades práticas. Isso apontou para minha inexperiência didática e a necessidade de trabalhar isso.

Cada criança ficou encarregada de construir sua própria fantasia, usando materiais disponíveis na escola, como tecido TNT, papel, tinta, saco de lixo plástico, canudinhos de plástico.

Um garoto construiu um personagem bem original. Um zumbi, com garras iguais às do Wolverine e que quando as encostava em alguém, esse alguém pegava fogo. Esse garoto se mostrou muito criativo e sensível durante todas as atividades que se seguiram. Em algumas ocasiões ele parecia imerso totalmente na estória, assumindo completamente a personagem criada por ele.

Algumas crianças mostraram interesse apenas em uma ou duas funções, mas no decorrer das atividades sempre mostravam interesse em realizar as outras funções quando viam seus colegas fazendo-as.

Elas trabalharam com fotografia, desenho, recorte, pintura, produção, construção de fantasias, cenário, personagens, roteiro e até direção dos colegas. Decidiram sobre locação, divisão de tarefas.

Apesar de muita confusão e certa inexperiência didática de minha parte, foi tudo muito estimulante para mim, tanto como “diretor de crianças” quanto pesquisador. Para as crianças a atividade abriu espaço para muitas experimentações e aprendizados (FIG. 1).



FIGURA 1 - Sequência do filme realizado pelas crianças de 6 anos.
Fonte: Do autor. (Fotografias realizadas pelas crianças).

7.4 29/09/2016 – *Pixilation* com turma de 8 anos

Com a turma de 8 anos as atividades foram bem diferentes. O grupo, de forma geral, demonstrou menos criatividade do que os de 6 anos, embora algumas crianças de 8 não tiveram dificuldade em criar estórias.

Foi exibido para elas os mesmos filmes exibidos para o outro grupo e aberto espaço para desenvolverem o roteiro.

Esse grupo se mostrou mais disperso e com dificuldades de desenvolver estórias. Os garotos mostraram interesse em fazer um filme sobre os *Vingadores* e as garotas sobre fantasmas e a *'loira do banheiro'*. Apesar de saber sobre o que queriam fazer, não conseguiram desenvolver um roteiro muito interessante.

As crianças foram orientadas a construir as fantasias, da mesma forma que foi feito com o grupo de 6 anos.

Como no outro grupo, inicialmente algumas crianças não mostraram interesse em participar. Uma das garotas se mostrou muito desinquieta e comunicativa e foi proposto a ela que ficasse como produtora. Ela desempenhou bem a função, mesmo porque assim ela pôde sair da sala sempre que precisava buscar algum material com a coordenação da Escola Integrada. Ela não demorava muito fora de sala, parecia que ela só não gostava muito de ficar parada, fato que se confirmou na segunda oficina de *pixilation*, quando ela quis fotografar, mas não conseguia ficar quieta com o celular. Apesar disso ela foi uma das crianças que mais contribuiu para o desenvolvimento das atividades, pedindo para participar de todas as ações, embora não conseguisse concluí-las.

Nesse grupo houve muitos problemas de indisciplina. Partes desses problemas podem ser atribuídos à minha inexperiência didática. Depois da segunda oficina de *pixilation* o coordenador da Escola Integrada e os monitores entrevistaram, realizando uma conversa com o grupo sobre as consequências do mau comportamento. Isso melhorou um pouco o comportamento deles.

Apesar da proposta inicial de deixá-las livres para desenvolverem de forma autônoma as atividades, ficou claro com esse grupo os limites dessa liberdade. Alguns se sentiram livres suficiente para não fazer nada e outros para brincarem e fazerem bagunça.

Para a produção das fantasias, apesar da “bagunça”, todas as crianças se mostraram muito envolvidas na tarefa e algumas se mostraram muito criativas na

confeção das fantasias propondo até estratégias para melhoria das fantasias que tiveram alguns problemas devido a precariedade dos recursos. Vale ressaltar que a intenção inicial sempre foi trabalhar com a escassez, pensando em executar algo que qualquer pessoa pudesse copiar. A proposta ainda se mostrou potente por estimular a criatividade das crianças para a resolução dos problemas. (FIG. 2).



FIGURA 2 - Produção de fantasias com crianças de 8 anos.

Fonte: Do autor. (Fotogramas retirados de vídeos gravados pelas próprias crianças. Houve alteração nas imagens para preservar a identidade das crianças).

Um dos garotos não quis confeccionar a fantasia, alegando que pediria para sua mãe comprar uma pronta. Foi explicado a ele que a intenção de criar a fantasia era estimular a criatividade das crianças. Ele então foi fazer a fantasia, mas mostrou dificuldades e outra vez disse que iria pedir à sua mãe que comprasse uma fantasia pronta. Ao final da oficina ele não conseguiu confeccionar a fantasia e ao sair da sala voltou atrás e pediu outra vez se poderia usar a fantasia comprada. Outra vez, foi explicado a ele a intenção de estimulá-lo a construir a própria fantasia e a importância de se realizar trabalhos manuais como estímulo para sua formação. Na oficina seguinte ele levou uma máscara, mas ao ver os colegas envolvidos com a confecção das fantasias acabou “cedendo” e construindo a própria fantasia. Ele fez duas armas de canudos de papel enrolado, que ficaram muito bem-feitas, mas que gerou uma discussão entre as crianças sobre a proibição da escola de usarem qualquer brinquedo parecido. Ele fez uma arma de fogo e um arco e flecha que foi usado no filme. Vale ressaltar que ele demonstrou um apego muito maior ao objeto

confeccionado por ele do que pela máscara comprada, chegando ao ponto de brigar com uma colega que desmontou o objeto. Depois de acalmá-lo o objeto foi recuperado. Ficou combinado que o objeto seria usado apenas para a realização do filme e não houve relatos de seu uso dentro da escola em outra ocasião, embora seja difícil afirmar que isso não ocorreu (FIG. 3).

Não foi possível terminar o roteiro e as fantasias nessa atividade.



FIGURA 3 - Criança de 8 anos confeccionando e usando objeto de cena.

Fonte: Do autor. (Fotografias realizadas pelas crianças. Houve alteração nas imagens para preservar a identidade das crianças).

7.5 06/10/2016 – *Pixilation* com turma de 8 anos

Continuando as atividades anteriores, as crianças terminaram as fantasias e deram início à captura das imagens. Como o tempo estava apertado eles fizeram como na turma de 6 anos e juntaram as histórias dos *Vingadores*, da *loira do banheiro* e dos *fantasmas*.

A captura das imagens apresentou muitos problemas, devido à indisciplina das crianças que demonstraram certa dificuldade de serem dirigidas, e de manterem o foco na atividade (FIG. 4).

Foi conversado com as crianças sobre os riscos de assistirem filmes violentos como *Vingadores* e filmes de terror e os possíveis impactos na formação deles. Esse grupo de 8 anos demonstrou uma capacidade crítica maior do que o grupo de 6 anos. Algumas crianças demonstraram entender e se mostraram surpresas com a explicação sobre a relação das histórias dos personagens da Marvel com a Segunda Guerra Mundial. Questionadas, disseram que os personagens eram heróis e que só salvavam pessoas, demonstrando ignorar, propositalmente ou não, o fato de que nesses filmes existem vilões que são derrotados e mortos, e que alguns são representações metafóricas de personagens reais. Foi discutido com elas sobre os interesses políticos ideológicos por trás dessas histórias, mas não foi possível avaliar o grau de entendimento de todo o grupo, embora algumas crianças tenham

apresentado argumentos durante a discussão, demonstrando algum nível de reflexão sobre o assunto. Devido à complexidade da temática, compreende-se a dificuldade de compreensão por parte das crianças. Verificou-se que apesar do contato com os filmes terem acontecido fora das oficinas e segundo relatos das crianças fora da escola, elas não demonstraram uma visão crítica dos mesmos. Se os pais ou responsáveis permitem que suas crianças tenham contato com esses produtos e não discutem com elas sobre a temática, é necessário que a escola assuma essa tarefa, uma vez que as crianças passam boa parte do tempo de suas brincadeiras reproduzindo as ações desses personagens, também dentro da escola.



FIGURA 4 - Sequência do filme realizado pelas crianças de 8 anos.

Fonte: Do autor. (Fotografias realizadas pelas crianças. Houve alteração na imagem para preservar a identidade das crianças).

Embora haja muito o que se discutir sobre Classificação Indicativa¹⁵, e não somente o modelo brasileiro, ela serve muito bem como parâmetro para escolha de conteúdo a exibir para crianças. Além de ser acessível, para consulta, a qualquer pessoa com internet, ainda existem canais para sugestões.

Apesar da proposta de deixá-las livres para desenvolver o filme, foi sugerido que não houvesse morte no filme e que as cenas de combate acontecessem sem contato físico para evitar que algum contato pudesse gerar alguma briga, uma vez que nesse grupo algumas crianças se mostraram um pouco agressivas.

7.6 21/10/2016 – Apresentação de resultados

Foi apresentado às crianças os resultados visuais das oficinas anteriores, alguns filmes curtos com técnicas diversas para escolher quais técnicas seriam usadas no filme final e foi discutido sobre a produção sonora.

O resultado visual foi parecido com outros filmes produzidos em oficinas que foram exibidos anteriormente para as crianças. Os que fizemos tiveram mais problemas, devido à escolha de deixar as crianças livres para fazerem tudo do seu jeito e a escolha por usar celular, aplicativos de animação e não usar equipamento de estabilização. Ficaram com problemas de iluminação e estabilidade da câmera, além de ainda não possuírem som.

Apesar de a estética visual ter se aproximado dos filmes feitos em escolas que usamos como exemplo e com mais “problemas” estéticos, a recepção aos filmes que produzimos foi muito mais satisfatória. Pediram para repetir várias vezes, ao contrário dos filmes que usamos como exemplo, onde várias crianças se mostravam entediadas com os mesmos, alegando que eram sem graça ou algo do tipo.

Desde o princípio a preocupação foi com a Experiência Estética e não ministrar aulas de teorias da arte, da estética, da psicologia, da sociologia, pedagogia ou outras. A intenção era estimular a percepção sensível nas crianças.

O fato de as crianças receberem mais abertamente o produto delas aponta para o potencial estético do objeto artístico em função do sujeito. No caso, os

¹⁵ Site do Ministério da Justiça onde há todas as informações sobre a Classificação Indicativa no Brasil. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

produtos eram parecidos, com mais falhas visuais nos filmes das crianças, mas o diferencial foi a identificação com os mesmos devido ao fato de terem sido feito por elas mesmas, e o fato de se verem na tela.

Havia crianças na sala do grupo de 6 e de 8 anos. Elas começaram a discutir entre os grupos sobre qual dos dois trabalhos ficou melhor, defendendo sempre o que fizeram apontando suas qualidades e atacando os problemas técnicos do que foi feito pelo outro grupo.

Foi discutido com elas sobre as diferenças entre os dois e a importância de não se preocupar em definir qual era o melhor e que é preciso olhar de forma crítica tanto para o trabalho do outro quanto para o próprio para perceber o que ficou bom e o que não ficou para que em um próximo trabalho isso servisse como exemplo. É difícil afirmar que as crianças entenderam isso, mas com a prática, conversas acontecem e esses acontecimentos devem ser lembrados para reforçar a importância do cuidado e atenção na hora da produção.

Constatou-se que produtos com estética visual próximas do experimental atraem a atenção das crianças tanto quanto técnicas difundidas massivamente comercialmente. Ainda se constatou que a identificação com o produto audiovisual é significativa para uma boa recepção. A identificação pode ocorrer de várias formas, nesse caso foi pela participação na produção e ao fato de se verem literalmente na tela.

Muito é preciso analisar sobre essa possível sensação de pertencimento e apropriação do aparato e do produto, mas caminha junto ao movimento atual de colocar o indivíduo em uma posição ativa de apropriação dos meios comunicativos.

7.7 27/10/2016 – Música e dublagem

Para a composição sonora dos dois filmes foi apresentado às crianças como referência, vídeos do grupo *Stomp* que fazem música com vários objetos comuns do dia-a-dia, e do grupo *Barbatuques*, que fazem música com sons produzidos pelo corpo. Com os exemplos, foi apresentado a elas uma visão crítica sobre como se pode fazer música de forma bem simples.

A atividade foi realizada apenas com as crianças de 8 anos.

Foi ainda apresentado a elas vídeos do Youtube com dubladores de personagens famosos. Diante da surpresa das crianças ao perceberem que uma mesma pessoa fazia vozes de personagens diferentes, foi realizada uma discussão

muito rica sobre a atividade. Questionaram como faziam quando o dublador morre, se ele fica rico, como que são escolhidos.

Foram levados para a sala vários objetos do cotidiano e a partir de uma atividade prática buscou-se compor uma música para os filmes. Não foi discutido que tipo de música deveria ser feito. Apenas foi trabalhado a relação entre os timbres, ritmos e intensidade, assim como foram feitos os trabalhos usados como referência.

O som foi gravado com aparelhos celular.

A atividade demandava muita disciplina, o que gerou certa dificuldade.

Eram gravados alguns trechos e depois todos conferiam o resultado. As crianças não reconheceram os resultados como “música”. Algumas crianças na sala fizeram alguns questionamentos sobre aspectos técnicos de música, como o que era ritmo e timbre. Algumas crianças da sala relataram fazer aulas de música em outros espaços fora da escola e foi dado a elas a oportunidade de explicar para os demais colegas o que seria timbre e ritmo.

Depois de algumas tentativas e compreensão por parte das crianças de que era preciso disciplina e silêncio para que o resultado desse certo, elas relataram que os áudios estavam ficando mais agradáveis, embora continuassem negando considera-los como música.

7.8 10/11/2016 – Ruídos e falas

Nessa segunda parte foi proposto às crianças a produção de ruídos e falas. Participaram crianças dos dois grupos.

Os filmes feitos pelos dois grupos, eram exibidos enquanto elas eram questionadas sobre que sons poderiam ser acrescentados nas cenas.

A produção de ruídos despertou mais interesse e identificação do que a produção de música. Não foram gravadas falas, apenas alguns gritos

Elas se mostraram surpresas com a possibilidade de usar sons de objetos para representar sons do cotidiano e demonstraram muita facilidade em propor alternativas de composição. Como misturar vários objetos alterando o som que produziam sozinhos. Demonstraram grande facilidade em imaginar sons para as cenas criadas (FIG. 5).

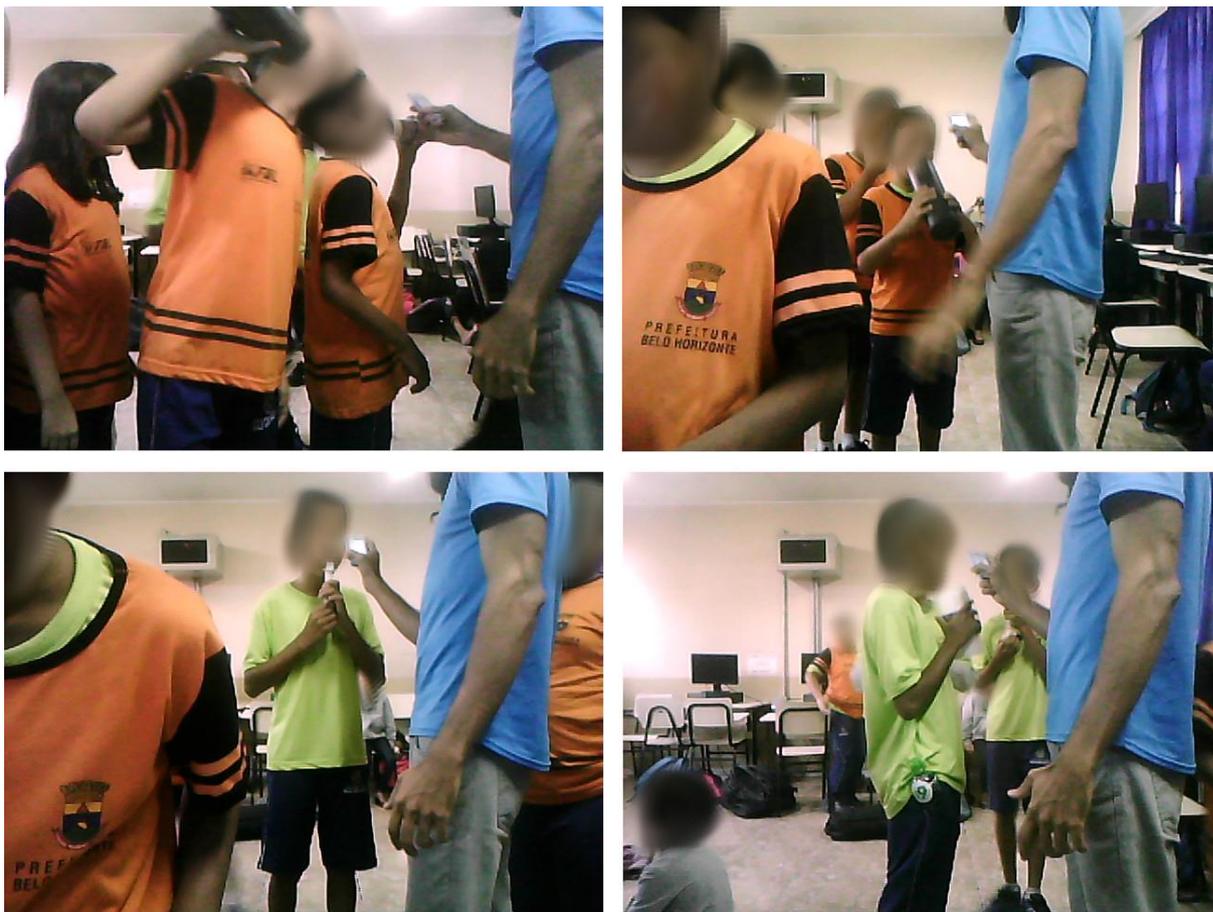


FIGURA 5 - Gravação de ruídos.

Fonte: Do autor. (Houve alteração nas imagens para preservar a identidade das crianças).

É importante ressaltar aqui que não possuo qualquer formação em Música. A intenção de desenvolver a atividade é baseada apenas no que aprendi durante a graduação com os professores Jalver Bethônico e Frederico Pessoa. Assim como não foi, em momento algum, objetivo desse trabalho ministrar aulas teóricas ou prática sobre teorias e técnicas de animação, o mesmo ocorreu com a música e a composição sonora. Entende-se que esse é um campo da arte totalmente livre e independente, assim como o Cinema, e que deveria dispor de espaço na Educação de todos os indivíduos de nossa sociedade. Ainda assim, sem conhecimento específico de música, partiu-se da ideia, construída na graduação e sempre reforçada pelos professores, sobre a importância do som no Cinema, e que o principal, assim como na Educação Estética, é a educação da percepção sensível, nesse caso, uma percepção da relação entre som e imagem e também dos sons dos objetos.

As propostas apresentadas às crianças basearam-se em atividades que foram realizadas por mim na graduação, como assistir um filme sem som e imaginar

que som havia na cena, fechar os olhos e perceber os sons do ambiente, buscar no dia-a-dia sons que sejam agradáveis e levá-los à sala, observar como um mesmo objeto pode gerar sons diferentes dependendo de qual objeto que ele toca para gerar o som, e como relacionar vários sons de forma que a composição sonora se torne o mais agradável possível.

Realizar as atividades sem formação em Música se mostrou uma aventura bem difícil. Diante da dificuldade encontrada, foi possível perceber alguns caminhos possíveis no livro “*O ouvido pensante*” de Murray Schafer (SCHAFER, 1992). Embora as atividades desenvolvidas durante essas oficinas tenham se aproximado de algumas das propostas de Schafer, e tenham sido baseadas nas mesmas atividades que realizei durante a graduação, ficou claro que minha falta de conhecimento de Música gerou muita insegurança na condução das atividades. No livro, Schafer não fala apenas de educação musical, fala de educação da escuta, e faz duras críticas ao ensino de arte que se baseia apenas em ensinar técnicas e teorias de arte, sem considerar a subjetividade da criança e sem se preocupar com a educação da sensibilidade.

Ainda assim, as atividades proporcionaram às crianças, certo incômodo, surpresa, interesse, descobertas, estimulando-as à percepção sensível do ambiente sonoro ao qual estão inseridas.

7.9 18/11/2016 – Entrevistas para produção do filme final

Essa atividade também foi realizada apenas com as crianças de 8 anos por demonstrarem mais senso crítico e facilidade para expressarem opiniões.

Para a produção do último filme pretendia-se discutir com as crianças todas as atividades, desde as propostas iniciais até a execução. Para esse filme pretendia-se realizar algumas interferências, tanto na temática quanto na execução.

Em função do forte interesse das crianças por filmes violentos e de terror, foi proposto a elas que discutíssemos esses temas e que a partir das discussões seria decidido o roteiro do filme.

Partiu-se sempre de questionamentos direcionados às crianças sobre o que entendiam dos filmes que elas usaram como referência para os primeiros filmes.

As discussões foram gravadas e várias questões foram levantadas, como guerras, violência, intolerância religiosa, racial e até dentro do futebol. As crianças

demonstraram não reconhecerem semelhanças entre os tipos de violência discutidos.

Devido à delicadeza dos temas procurou-se orientar os debates sempre para o respeito ao próximo e os problemas de se reproduzir essas ideias intolerantes.

Foram realizadas além do debate coletivo, entrevistas com as crianças, onde elas também puderam entrevistar os colegas. Inicialmente elas apenas reproduziam as questões levantadas por mim, mas com o desenvolver das gravações elas acabaram formulando questões próprias, desenvolvendo debates autônomos entre elas sem muita necessidade de interferência.

Ficou visível a capacidade das mesmas de se envolverem em atividades reflexivas quando estimuladas, embora o referencial pessoal das mesmas apresentou a necessidade de muito cuidado, por parte do adulto mediador, na condução dos debates para não distorcer ainda mais o entendimento das crianças a respeito das temáticas.

Infelizmente, por motivos pessoais, o último filme não foi concluído.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível dizer que o referencial teórico apresentado nesse trabalho é apenas uma pequena fração do que já está disponível sobre o assunto, e ainda assim é suficiente para traçar caminhos capazes de transformar a relação entre Infância e Cinema de Animação em uma relação extremamente libertadora para ambos. Foi possível também, a partir do trabalho prático, perceber a abertura e disponibilidade dos agentes dessa relação, tanto as crianças, quanto educadores e profissionais ligados a algumas salas de cinema da cidade de Belo Horizonte, que sempre se posicionaram diante das propostas de forma entusiasmada e por vezes de forma emocionada.

Algumas propostas não foram possíveis de se concretizar, o que permitiu perceber algumas dificuldades que são tão antigas quanto os anseios de que a arte caminhe sempre rumo a “elevantar” o ser humano. O público é diverso, os ambientes onde a relação se impõem são diversos, o que demanda certa maleabilidade na organização das atividades. Como já foi citado, há inúmeras formas de trabalhar o Cinema de Animação de forma estética e crítica, porém, nesse trabalho a principal preocupação foi com as crianças. A partir disso, foi preciso um pouco de tempo para perceber como se relacionavam com as atividades, para que as escolhas de atividades se nortegassem pela demanda das crianças.

As atividades práticas proporcionaram às crianças relativo enriquecimento de referencial estético, através da apresentação de filmes com linguagem e propostas artísticas opostas ao modelo comercial. Através de discussões sobre os filmes que demonstraram ter como referências pessoais puderam debater temas importantes como os riscos de terem contato com produtos audiovisuais com conteúdo violento e a importância de conversarem com os adultos que se relacionam sobre essas questões. Através dos filmes que produziram puderam estender os debates a outras questões como intolerância racial, religiosa, futebolística, refletindo sobre a importância de se respeitar e conviver com a diversidade do meio em que estão inseridas.

Através da produção puderam estabelecer uma relação mais sensível e pessoal com o Cinema de Animação percebendo o Cinema “por trás da tela”, criando uma relação de apropriação do mesmo. Algumas crianças ainda

demonstraram interesse em repetir as atividades em casa, o que aponta para a necessidade de se organizar atividades que envolvam também os pais.

Além do potencial estético do Cinema de Animação proporcionando diversas experiências sensíveis às crianças, verificou-se seu grande potencial como ferramenta de comunicação, apontando para a necessidade de intensificar a oferta atual de propostas que visam inverter o lugar da criança nessa relação, tirando-a da situação de receptor passivo para agente ativo da relação.

Nesse caso, ainda há de se refletir sobre a intimidade da criança, que deve sempre ser respeitada, uma vez que foi possível identificar que algumas delas se sentiram muito incomodadas com a possibilidade de exposição, demonstrando consciência da sua privacidade. Mesmo que seja importante usar o Cinema de Animação como ferramenta de Comunicação para orientar as crianças a fazerem um uso crítico e participativo dessas mídias é preciso tomar cuidado para não projetar nas crianças desejos dos adultos, como o caso de pais e responsáveis que se empolgam com a possibilidade de que as crianças fiquem “famosas” através da participação das mesmas em produtos midiáticos.

A princípio havia o desejo de documentar todas as atividades e depois editar o material e produzir um documentário sobre as atividades, com o propósito de dar visibilidade à proposta e talvez assim incentivar outras pessoas, visto que poucas pessoas leem um trabalho acadêmico. Por diversas questões poucos momentos foram documentados, sendo o motivo mais relevante, o desejo das crianças de terem suas imagens preservadas (FIG. 6).

Uma vez que manifestaram esse desejo antes mesmo de serem apresentadas à ideia do documentário, o espaço delas foi respeitado e o material documentado serviu apenas como exercício para elas terem contato com o exercício de documentar algo, e assim perceberem o mundo através do "quadro" de uma gravação e poderem perceber que toda representação audiovisual é apenas um recorte do real.



FIGURA 6 - Criança se recusando a ser gravada.

Fonte: Do autor. (Fotograma retirado de vídeo gravado pelas crianças de 8 anos. Houve alteração na imagem para preservar a identidade da criança).

Na escola, atividades isoladas, como as oficinas ofertadas para o desenvolvimento desse trabalho, podem sim ter um impacto significativo na formação humana das crianças, mas é preciso que trabalhos com esse se estendam por períodos mais longos.

Constatou-se que para aporte à realização de atividades semelhantes, há tanto na internet quanto na TV aberta, considerável oferta de materiais que servem de base para que qualquer pessoa possa desenvolver alguma atividade mais construtiva.

Verificou-se, diante da quantidade de material produzido, que ainda há um certo contraste entre toda essa oferta e a aceitação do público. Isso leva à constatação da necessidade de continuar os trabalhos de formação de público. Não uma formação de público mercadológico, mas um público crítico e sensível, capaz de perceber o produto audiovisual enquanto objeto artístico e um meio de comunicação, com seu poder de tocar e transformar as pessoas e o mundo que as rodeia.

Diante da complexidade do problema e a proporção do mesmo em função do tamanho e diversidade do país, ainda cabe buscar formas de conscientizar os adultos envolvidos nessa relação Infância e Cinema de Animação para que mais pessoas se empenhem em construir uma relação mais produtiva.

Nesse caso vale reforçar a reflexão de Rosália Duarte em entrevista a Adriana Fresquet, sobre a aplicação da Lei 13.006/14 (BRASIL, 26 jun. 2014), onde apontou que “Falta, ainda, uma plataforma digital da Secretaria do Audiovisual para difusão gratuita, para as escolas, de todos os filmes realizados com financiamento público direta ou indiretamente.” (FRESQUET, [201?], p. 215)

Com a expansão do Ensino a Distância espera-se que sejam criadas mais atividades formativas tanto para professores das redes estaduais quanto municipais como já é feito pelo projeto *Mídias na Educação*¹⁶, ofertado pelo MEC, através da Secretaria de Educação a Distância (Seed) em parceria com secretarias de educação e Universidades Públicas.

¹⁶Site do programa *Mídias na Educação*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/midias-na-educacao>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE. **Somos Todos Responsáveis**: Relatório da campanha "Somos Todos Responsáveis" e a íntegra dos 220 depoimentos. São Paulo: ABAP, 2013. 194 p. Disponível em: <<http://www.abap.com.br/pdfs/06-relatorio.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

BARBOSA, A. M. T. B. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. 200 p.

BERNARDET, J.-C. **O que é cinema**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. 117 p.

BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. **A arte da pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 143 p. Seguido de: A influência do jornalismo, e, Os Jogos Olímpicos.

BRASIL. **Resolução nº 163 de 13 de março de 2014**. Dispõe sobre a abusividade do direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança e ao adolescente. Brasília, DF: [s.n.], 13 mar. 2014. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=4&data=04/04/2014>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

BRASIL. **Lei n.º 13.006 de 26 de junho de 2014**. Acrescenta § 8o ao art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Brasília, DF: [s.n.], 26 jun. 2014. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=27/06/2014>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

BRASIL. **Saúde de crianças e adolescentes na era digital. Manual de orientação**. Brasil: Sociedade Brasileira de Pediatria. Departamento de Adolescência, out. 2016. 13 p. Disponível em: <<http://www.sbp.com.br/src/uploads/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais**: arte. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental. MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

CARDOSO, M.; CERENCIO, P. (orgs.). **Direitos numanos**: diferentes cenários, novas perspectivas. São Paulo: Editora do Brasil, 2012.

CARVALHAL, F. C. D. A. Instituto Nacional de Cinema Educativo: da história escrita à história contada - um novo olhar. **Mnemocine**, Maio 2008. ISSN 1980-6590. Disponível em: <<http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/25>>

historia-no-cinema-historia-do-cinema/113-fernanda-caraline-de-a-carvalho>. Acesso em: 12 jun. 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Contribuição da Psicologia para o fim da publicidade dirigida à criança**. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2008. 30 p. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/10/cartilha_publicidade_infantil.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2017.

CORTELLA, M. S.; DIMENSTEIN, G. **A era da curadoria**: o que importa é saber o que importa! Campinas, SP: Papirus 7 mares, 2015.

DUARTE, C. M. **A magia da Disney no Facebook**: estratégias de comunicação e negócios do conglomerado na rede social. 2014. 159 p. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.btdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7742>. Acesso em: 12 jun. 2017.

DUARTE JR., J. F. **O sentido dos sentidos**: a educação do sensível. 3. ed. Curitiba, PR: Criar Edições LTDA, 2001.

DUARTE, R. **Cinema e educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 104 p.

FEILITZEN, C. V.; BUCHT, C. **Perspectivas sobre a criança e a mídia**. Tradução de Patrícia de Queiroz Carvalho. Brasília: UNESCO, SEDH/Ministério da Justiça, 2002. 316 p.

FERRARI, S. D. S. U. **Encontros com arte e cultura**. São Paulo: FTD, 2012. 224 p.

FONTENELLE, L. (org.). **Criança e consumo**: 10 anos de transformação. São Paulo: Alana, 2016. Disponível em: <http://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Crianca-e-Consumo_10-anos-de-transformacao.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2017.

FRANÇA, J. L.; VASCONCELLOS, A. C. D. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 189 p.

FRESQUET, A. (org.). **Cinema e educação**: A Lei 13.006 Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produção, [201?]. Disponível em: <<http://www.educacao.ufrj.br/portal/livros/Cinema%20e%20eduCa%C3%A7%C3%A3o%20a%20lei%2013.006.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

FUSARI, M. F. D. R. D. **O educador e o desenho animado que a criança vê na televisão**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

GIACOMI FILHO, G. **Consumidor versus propaganda**. São Paulo: Summus, 1991.

GILMOUR, D. **O clube do filme**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

GINO, M. S. **A expressão e recepção do pensamento analógico/metafórico através da animação cinematográfica**. Dissertação (mestrado). Belo Horizonte: CEFET-MG, 2003.

LA CARRETA, M.; NAZÁRIO, L. **Núcleo Regional de Cinema de Animação de Minas Gerais**. [S.l.]: [s.n.], 2003. 1 DVD (87 min.): son., color.

LEITE, S. (org.). **Subversivos: o desenvolvimento do cinema de animação em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2013.

MARANHÃO, C. A. C. **Quitungo, mídia e cidadania: a política de “Mídia Educação” da Prefeitura do Rio de Janeiro em uma perspectiva discursiva e comunitária**. Dissertação (mestrado). São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-31052007-142046/pt-br.php>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

MARTIN, M. **A linguagem cinematográfica**. Lisboa: Donalivro, 2005.

MAZZINI, R. (coord.). **Plano de diretrizes e metas para o audiovisual: o Brasil de todos os olhares para todas as telas**. Rio de Janeiro: Agência Nacional do Cinema, 2013. Disponível em: <<http://www.ancine.gov.br/sites/default/files/PDM%202013.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

MORENO, A. **A experiência brasileira no cinema de animação**. Rio de Janeiro: Editora Artenova S. A., 1978.

MOSTRA UDIGRUDI MUNDIAL DE CINEMA DE ANIMAÇÃO, 14. 2016. BELO HORIZONTE. **[Catálogo]**. Belo Horizonte: 2016. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B8C5ebmi3MRoYmpPSkZtMW5jLUU/view>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

MOTA, D.; GOUVEIA, L. Mídias e direitos humanos. In: CARDOSO, M.; CERENCIO, P. (orgs.). **Direitos humanos: diferentes cenários, novas perspectivas**. São Paulo: Editora do Brasil, 2012.

NALINI, J. R. **Ética geral e profissional**. 8. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011.

PALHARES, Juliana; PEREIRA, Ana Cristina Carvalho. **Corpo-território: um testemunho poético sobre o corpo-criança, a partir do contato com objetos e materiais expressivos, no ensino de Artes Visuais na educação infantil**. 2015. 248 f., enc. + 1 caderno/diário de bordo + 1 almofada aromatizada, em caixa 10 x 30 x 30 cm. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/EBAC-A4NFVR>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

PEDROSA, M.; ARANTES, O. B. F. **Forma e percepção estética: textos escolhidos II**. São Paulo: EDUSP, 1996. 367 p.

PILETTI, C. **Didática geral**. 24. ed. São Paulo: Ática, 2010.

SAMPAIO, I. S. V.; CAVALCANTE, A. P. P. **Publicidade infantil em tempos de convergência**: relatório final. Fortaleza: UFC/GRIM, [2014?]. Disponível em: <<http://midia.pgr.mpf.gov.br/pfdc/hotsites/mpdcom/docs/publicidade-infantil/publicacoes/publicidade-infantil-em-tempos-de-convergencia-2016.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SAMPAIO, R. (coord.). **Publicidade e criança**: comparativo global da legislação e da autorregulamentação. São Paulo: ABA - Associação Brasileira de Anunciantes, 2013. Disponível em: <<http://www.aba.com.br/wp-content/uploads/content/78d692b975f3ca7fa8a36342abc61cd7.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SCHAFER, M. R. **O ouvido pensante**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1992.

SOARES, R. **A educação estética como possibilidade de emancipação dos sujeitos no ensino da arte**: desdobramentos e implicações. 355 f. 2015. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18211>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SOUZA, F. S. D. **O Movimento de Cultura Popular do Recife (1959-1964)**. 2014. 123 p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-08012015-105321/pt-br.php>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

TAVARES, M. T. S.; DUARTE, R. M. **Impasses na construção da política pública de produção audiovisual para crianças e adolescentes nos anos 2000**. 2013. 197 p. Tese (Doutorado em Educação). Departamento de Educação - Pontifícia universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0913516_2013_completo.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2017.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 561 p.

VILAÇA, S. H. C. **Inclusão audiovisual através do cinema de animação**. 2006. 199 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Escola de Belas Artes - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VPQZ-73GJ4G/disserta__o_sergio_vilaca.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 jun. 2017.

VIVARTA, V. (coord.). **Infância e Consumo**: estudos no campo da comunicação. Brasília, DF: ANDI; Instituto Alana, 2009. 160 p. Disponível em: <<http://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Infancia-e-consumo-Estudos-no-campo-da-comunicacao1.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

VIVARTA, V. (coord.). **Infância e Consumo**: estudos no campo da comunicação. Brasília, DF: ANDI; Instituto Alana, 2010. 101 p. Disponível em: <<http://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Infancia-e-consumo-Estudos-no-campo-da-comunicacao1.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

ANEXO A – Relatos sobre as oficinas

Relato 1:

No dia 21/10/2016, como de costume uma menina de 6 anos se dirigiu a mim ao entrar em sala indagando se assistiríamos filmes de terror. Eu disse que não e ela insistiu, resolvi então refletir com ela sobre suas motivações por gostar tanto de filmes de terror e como isso pode afetá-la. Ela contou que assiste filmes de terror com os pais e que os mesmos haviam levado ela para assistir *Anabelle*, filme assistido por outras crianças do grupo, segundo as crianças. Perguntei o que ela sentia com os filmes, se tinha medo, se tinha pesadelos, se achava que aqueles filmes eram para crianças, estendendo o diálogo às outras crianças. As crianças de 8 anos demonstraram sempre durante as oficinas, mais discernimento sobre o que é direcionado a elas do que as crianças de 6 anos.

Essa menina projetou o corpo sobre a carteira, apoiando-se sobre os cotovelos, me olhou dentro dos olhos, com firmeza e com expressões fortes respondendo que “*adoraaaava terror*”, que “*gostaaaava de morte*”, que “*gostaaaava de sangue*”.

Eu assisto filmes de terror desde os dois anos, nessa fase com minha avó. Sempre tive distúrbios de sono, problemas de socialização e vários outros problemas que poderiam ser associados a esse tipo de exposição, caso eu encontrasse um especialista interessado em investigar isso ao invés de apenas me medicar.

Há uma infinidade de pesquisas que apontam para os riscos desse tipo de exposição nessa fase, mas parece que ainda prevalece o senso comum de que os pais são quem sempre sabem o que é melhor para os filhos e por isso não procuram orientação e se sentem agredidos quando especialistas apontam seus erros.

Não é muito confortável presenciar uma situação dessas. Ao iniciar o trabalho, já previa que discutindo com as crianças o que sentem e estimulando-as a se expressarem poderia ter contato com questões delicadas e com as quais talvez não saberia lidar. E assim foi. Esse foi o caso mais incômodo, embora surgiram outras questões delicadas. Continuamos os trabalhos e apenas conversei com todas as crianças sobre os riscos de expor crianças a esses conteúdos. Essas discussões se estenderam às outras oficinas.

Relato 2:

Houve um caso interessante onde uma menina de 6 anos demonstrou muita dificuldade de perceber o movimento mesmo em *flipbooks* que funcionaram perfeitamente. Dediquei algum tempo a ela. Primeiro expliquei como deveria ser feito e como cada folha era parte do movimento e depois ela tentava fazer e voltava dizendo que não conseguiu. Eu mostrei outros e pedi que fizesse igual e ela fez e ficou relativamente bem, mas ela ainda dizia não perceber o movimento. Ela se mostrava um pouco agressiva quando outras crianças diziam perceber o movimento. Me sentei com ela e fiz alguns desenhos pontilhados e pedi que ela desenhasse por cima dos pontilhados, e dessa vez fiquei ao lado dela acompanhando-a. Ao final o resultado foi parecido com o último que ela havia feito, mas dessa vez ela relatou perceber o movimento. Mostrei a ela os de outras crianças que já havia mostrado e ela disse perceber o movimento.

Relato 3:

Outro caso de outra menina de 6 anos, onde a mesma desenhou uma menina com expressão triste. A única personagem triste criada na sala. E ela deu à personagem o seu nome. Ela, assim como outras crianças, não conseguiu criar movimento com o *flipbook*, fazendo apenas ilustrações em cada folha do *flipbook*. O desenho já é usado há muito tempo como instrumento de análise psicológica e filmes também. Perguntei a ela porque a personagem estava triste se estava com seus amigos, se algo havia acontecido com a personagem, e ela disse não saber, mostrando-se incomodada com as perguntas. O seu espaço foi respeitado e não perguntei mais nada. Observando-a dali em diante percebi que é uma criança introspectiva e tímida, mas se mostrou muito interessada em participar das atividades, sempre se direcionando a mim nas oficinas e mesmo fora das oficinas quando me encontrava, assim como outras crianças. É perceptível o potencial de estimular uma criança a externar seus sentimentos através da criação artística e assistir isso pessoalmente é inegavelmente mais construtivo, poético, estético do que ler as constatações de vários estudiosos que alcançaram a mesma constatação.